



CAPA  
Fotografia de João Barreto Bailote  
Anos 70

PÁGINA 1  
Igreja e barco, 1979

PAGINA 3  
Auto-retrato, s/d, ost, 65x50

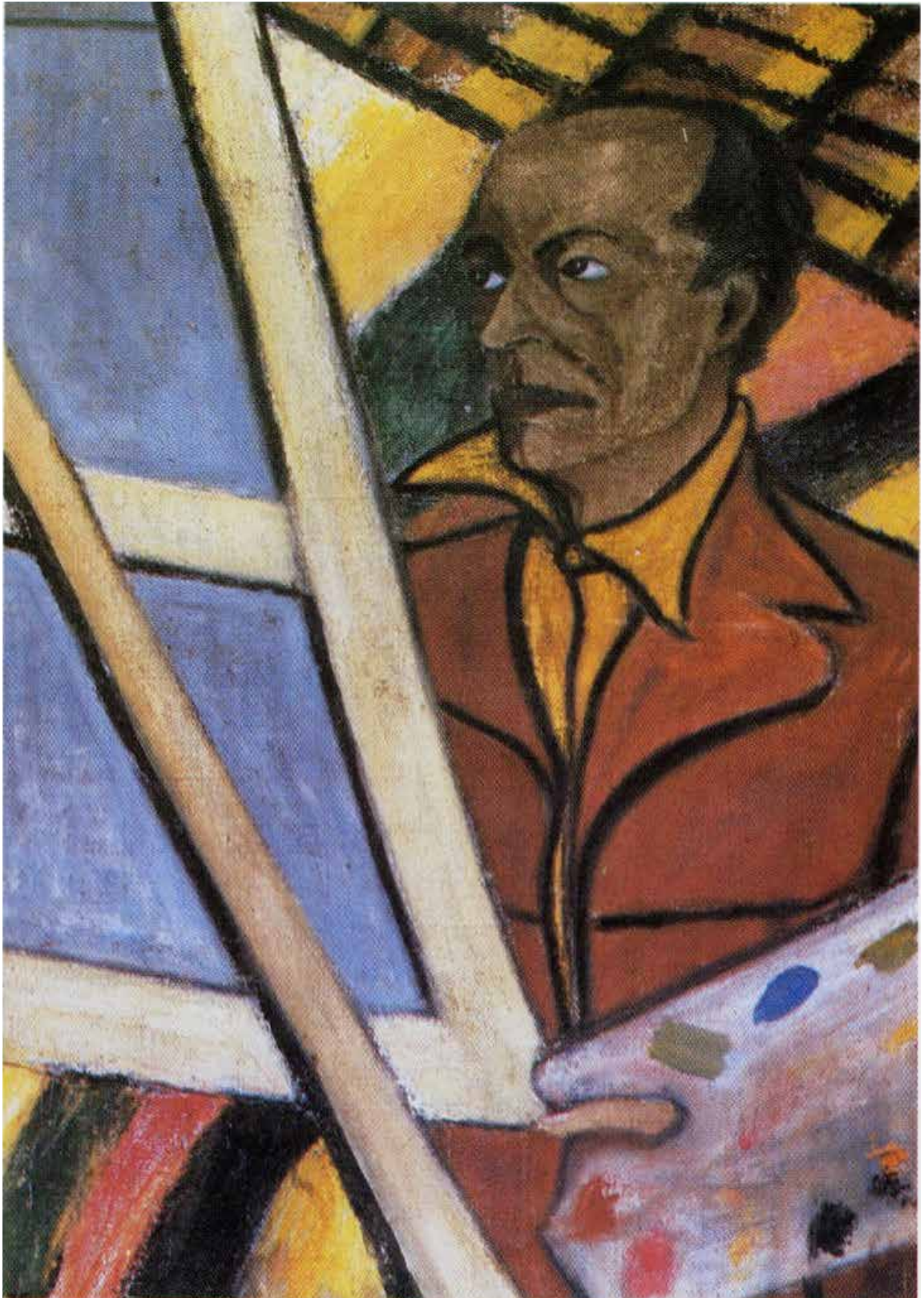
CONTRACAPA  
A Wall, 1959, ost, 60x55  
Col. da família

**©2016 - Edição do Município de Albufeira**  
**Autoria:** Luísa Monteiro  
**Paginação:** Luísa Monteiro e Alexandre Silva  
**Impressão:** Litográfis, Artes Gráficas, Lda

DL 416779/16  
ISBN 978-972-8124-50-2

Outubro, 2016

Os textos desta publicação não foram escritos ao abrigo do Acordo Ortográfico.  
As pinturas de João Bailote aqui são reproduzidas por ordem cronológica.





Luísa Monteiro

# **JOÃO BAILOTE** **1913-1986**

O PINTOR DO OPOSTO

MUNICÍPIO DE ALBUFEIRA





---

## ÍNDICE

---

	9
Um primeiro olhar	<u>14</u>
Pelo mar adentro	<u>38</u>
O criador da "pintura da solidão"	<u>56</u>
A tudo oposto (e ser o tudo)	<u>75</u>
Um Senhor Embaixador	<u>77</u>
Agradecimentos	<u>78</u>
Fontes e Bibliografia	<u>79</u>
Pinturas por ordem cronológica	

60x55-  
No 415

Price: 25 Guineas

"  
A

WALL

56

BALL-OTIE

---

# UM PRIMEIRO OLHAR

---



Quando após o meu casamento, no último trimestre de 1982, vim para Albufeira, uma das primeiras figuras locais que conheci foi o Sr. João Bailote.

A razão de ser deste conhecimento, deveu-se ao facto de, passados poucos meses de cá estar, ter aberto o meu primeiro escritório de advocacia na Rua 5 de Outubro, 48, precisamente em frente ao Café Bailote.

O meu escritório, de início, não tinha empregados e resumia-se a uma velha secretária de madeira e que já lá estava, uma máquina de escrever emprestada pelo meu sogro, os Códigos e umas resmas de papel azul, selado e de rascunho e papel químico para as cópias; quanto a clientes, havia que esperar.

Ora, o Café Bailote era o melhor local para passar alguns momentos “daquela espera”, dada a sua posição estratégica, com vista directa sobre a porta aberta do escritório. Neste estabelecimento, diferente do habitual, pois que ele próprio era uma galeria de arte com quadros por todas as paredes, mantinham-se as velhas mesas e cadeiras, tudo muito genuíno, a que se somava um café único, de saco, proveniente duma máquina antiga e servido pelo Sr. João, ali empregado desde rapaz, que acrescentava uma grande simpatia àquela casa. Fácil era de ver que todos os quadros tinham a mesma autoria, dado o seu estilo único e logo soube que o dono do Café era o autor dos mesmos. Não demorei muito tempo a saber quem era e daí a começarmos a cumprimentarmo-nos foi um passo. Depois começámos a falar um com o outro e por vezes com mais algumas pessoas que frequentavam o café, de que destaco o Sr. Dr. Santos Serra, o Sr. Dr. Geraldês Simões e o Sr. Gonçalves da Ourivesaria das Naus.

Comprei-lhe o primeiro quadro, numa conversa a dois, em que o questionei sobre o preço dos quadros, ao que ele me pediu que lhe indicasse um em concreto de que eu gostasse. Vi um dos mais pequenos sobre a Esplanada Frutuoso da Silva e indiquei-lho. Ele levantou-se, foi buscá-lo e entregou-mo, dizendo que o quadro já era meu. Eu disse-lhe que não, que tinha de saber o preço e que na altura não tinha dinheiro para a compra. Depois de me dizer o preço (penso que com um bom desconto), quando eu lhe disse que não tinha dinheiro para tal, mas que quando tivesse lho compraria, ele nem sequer admitiu tal resposta; “obrigou-me “ a levar logo o quadro e disse-me qualquer coisa do género: “paga se puder e se quiser”. Não levei muito tempo a pagar-lho, e passado algum tempo adquiri-lhe outro.

Falávamos muitas vezes, desde temas banais a temas com maior profundidade e via-se que o Sr. Bailote, sendo homem de alguma reserva, era um pensador, com uma visão crítica do que o rodeava, não deixando, contudo, de ter uma visão positiva sobre a vida.

101

Ficámos amigos. Um dia, de forma inesperada, pediu-me para ir ao armazém do café, por trás do balcão, onde pintava, para me pedir opinião sobre um quadro de grande dimensão que estava a pintar. Depois dessa primeira vez, fui mais vezes àquele território escondido e privado, dar mais umas opiniões sobre outros quadros que pintava, apesar de eu me afirmar como fraco crítico de arte. Isso pouco lhe importava, queria era saber a minha opinião.

Ainda hoje guardo uma boa memória do Sr. Bailote, como homem invulgar e distinto, portador de uma inteligência que não se conformou com a instrução que recebeu em menino e que procurou sempre cultivar-se e ir mais além, tendo conseguido fazê-lo e através da arte manifestá-lo, com uma personalidade e identidade muito próprias, expressivas de uma visão única que nos deixou na sua obra. Um Bailote reconhece-se ao longe. É justo reconhecer este homem de Albufeira que nos deixou uma obra enriquecedora.

Hoje tenho três “Bailotes”, tendo o último sido-me oferecido pela sua família, logo após a sua morte, sabendo da nossa amizade. Bailote é um nome a não esquecer; a sua obra perdura e, com ela, o seu autor.

*Carlos Silva e Sousa*

**Presidente da Câmara Municipal de Albufeira**



Marble

64





---

# PELO MAR ADENTRO

---

14 |

Nas academias sabe-se apenas que Bailote foi um pintor que viveu em Albufeira, onde tinha um café no qual expunha os seus trabalhos. Sabe-se que vendia especialmente aos ingleses, nos anos 60-70, paisagens do casario de Albufeira com planificação cromática e alguma textura da tinta, aplicada à espátula, reduzida essencialmente a brancos, azuis e traço negro.

Em Albufeira tem sido essencialmente o interesse autárquico que tem vindo a fomentar o nome deste pintor da terra. Deu o seu nome a uma rua, com início no Largo Eng.º Duarte Pacheco e fim na Rua Joaquim Pedro Samora, onde funciona actualmente o Arquivo Histórico Municipal, atribuiu-lhe a Medalha de Mérito Municipal (grau ouro), em deliberação de 17 de Junho de 1997 sob o mandato de Arsénio Catuna e por proposta do então Vereador da Cultura, Geraldês Simões. Nesse ano promove uma exposição com 18 dos seus trabalhos na então Galeria do Auditório Municipal de Albufeira (16 de Maio a 13 de Julho), e que é hoje, por deliberação camarária de 27 de Setembro de 2016, Galeria Municipal João Bailote, em mandato de Carlos Silva e Sousa, por proposta da Vereadora da Cultura, Marlene Silva. Nova exposição de homenagem ao pintor é realizada naquele espaço, de 27 de Outubro a 30 de Novembro de 2010. Porém, o primeiro reconhecimento oficial ocorre em 1996, quando



---

*Café Bailote, o ponto de encontro cultural, década de 60*

Ihe foi atribuído o Diploma de Mérito Turístico (a 27 de Setembro), pelo então Secretário de Estado do Comércio e Turismo, Jaime Serrão Andrez.

Em Outubro de 2015, a galeria em espaço camarário *Albufeira Art Center* (entretanto encerrada por motivos relacionados com as cheias de 1 de Novembro de 2015 que assolaram Albufeira)



16 |



promoveu uma exposição de quadros, tidos pelo curador e gerente da galeria, o alemão Rolf Osang, como “raros”, sendo que 10 eram provenientes de uma colecionadora da obra de Bailote, residente no Carvoeiro (Lagoa). Rolf Osang apontou o lado “atmosférico” da obra: “He really captured the natural beauty of Albufeira. His paintings are very atmospheric and take you back to the time they were painted”. Osang queixou-se na altura da exorbitância que os colecionadores de Bailote pediam pelos quadros, mas que nesta galeria um Bailote de 30x40 cm poderia custar apenas mil euros.

Falecido a 25 de Outubro de 1986 com 73 anos de idade, por cancro nos rins, órgãos que o atormentavam desde a infância (retirou um rim na década de 70 numa cirurgia de urgência em Londres), os testemunhos ainda vivos falam de um Bailote nem sempre paciente para com os seus conterrâneos, frequentemente ausente do café e apreciador da companhia feminina. Dele conservam a sua elegância *negligée*, o garbo do porte, o carisma, o apego à tradição e até de um tal Piçarrinha, carpinteiro a quem Bailote pediu em tempos que fizesse a moldura para as suas telas e que caiu na tentação de o plagiar, apregoando nas ruas “Bailotes para decorar a sala”.



*Bailote, famoso entre os estrangeiros pelos seus dotes culinários e de contador de histórias*

É após a sua morte que os jornais falam dele e somente passados dois anos é que o seu nome chega à imprensa nacional, com um artigo publicado a 25 de Abril de 1988 no *Diário de Notícias*, com a assinatura de António Valdemar, a propósito da exposição parcial do seu trabalho, na galeria de Arte de Vilamoura, por acção do surrealista, Cruzeiro Seixas.

A imprensa local só passado cerca de um ano é que o recorda: Palma Martins assina uma crónica no *Albufeira Magazine* a 9 de Maio de 1997 e o *Jornal Algarvio* consagra um quarto de página ao pintor por altura da já referida exposição em Vilamoura, o mesmo acontecendo, por esses dias, na *Gazeta do Cenjor*, num artigo de uma página assinada por Fernando Serol.

Mas um dos mais interessantes artigos é escrito em inglês por uma das suas amigas, Lone Tanton, com publicação no *Algarve News* e onde refere que Bailote foi a sepultar imediatamente no dia a seguir à sua morte. Neste artigo, com o título “O fim de uma era”, publicado em 1995, Lone Tanton fala dos seus dotes de contador de histórias de pescadores, de lendas do passado e das suas conquistas amorosas. Recorda as famosas caldeiradas que fazia em sua casa para os amigos e de como os levava para piqueniques em locais desconhecidos, pela maioria, no seu *Rosengart*, o qual se assemelhava a uma “banheira sobre rodas”.



Santos Serra

Palma Martins



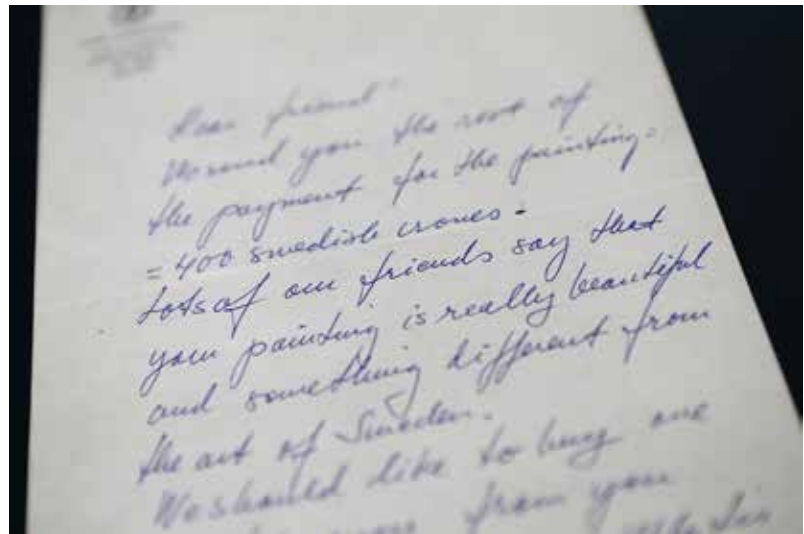
---

Dele diz que possuía uma personalidade ardente e carismática, o que lhe garantia uma longa vida na memória de todos os seus amigos.

“Era um homem muito curioso”, refere Santos Serra, médico, escritor e político que conviveu com ele desde jovem: “Eu era muito mais novo que o Bailote e passávamos muito tempo juntos quando eu regressava a Albufeira, vindo da Universidade de Coimbra para as férias de Verão. Íamos muitas vezes os dois a Lisboa, aos bares e aos cabarés, ele no seu Fiat vermelho, que conduzia muito mal. Quando chegávamos a Alzejur, eu tirava-lhe o volante das mãos, já não aguentava o medo que ele me causava a conduzir!”

Acima de tudo, Santos Serra considera Bailote um homem extremamente dotado para as artes: “tocava violino sem nunca ter aprendido uma única nota, era um dançarino brilhante, dava sempre o maior espectáculo no Carnaval de máscaras que se fazia no Imortal Clube, um exímio jogador de bilhar e um galã.” Esta faceta de homem sedutor, bonito e de porte atlético é corroborada por Palma Martins, no artigo já citado, que o recorda “como um atleta solitário, capaz de nadar de braçada desde os Leixões dos Alhos até à Baleeira num *crawl* lento, ritmado, seguro, respirando como mandam as regras [...] tinha estilo, tinha classe e força de vontade em tudo o que se propunha fazer. Contava-se que na sua juventude, para acompanhar as serenatas da malta da sua geração, aprendera sozinho a tocar violino. [...] Bailote era também o tradicionalista e o grande amante do pitoresco de Albufeira. Quando a moda dos anos 60 começou a evoluir, as linhas do mobiliário mudaram e as máquinas de café





Elogios à obra de Bailote chegavam por correio com frequência

20 |

invadiram o mercado, mas ele manteve no estabelecimento as típicas cadeiras de tábua e o café de sacco, impondo a qualidade do lote.”

Nas *Crónicas algarvias* (Caminho, 1986), Manuel da Fonseca chama-lhe “café-museu” e descreve Bailote como tendo “rosto bronzeado, olhos claros, cabelos negros, soerguidos ao alto e a cair em redondo até às orelhas. [...] Atrás do rosto, há estantes de livros, artigos de lembranças, tabacos de várias marcas, jornais, postais ilustrados.”

Já o jornalista João Leal, diz ser Bailote “magrebino de aspecto, pela tez e gestos”, “um verdadeiro algarvio universalista” (*Jornal do Algarve*, 4 de Novembro de 2010).

Porém, “não era uma pessoa muito ilustrada na altura em que eu era pouco mais que um menino. Era um indivíduo do povo, apenas com a quarta classe e enveredou pela pintura por mera intuição. A vida modificou-se para ele só após a viagem à Suécia”, regressa Santos Serra. Até lá, “teve em tempos uma mercearia no Rossio. Entre 43 a 45 é que arrendou o Café a Joaquim Prado, que entretanto foi para fora. Na altura, o Café era um espaço pequeno, menos de metade daquilo que se conhecia no seu tempo áureo. Pertencia aquele edifício a Júlio Costa que ali alugava carrinhas, havia uma porta grande ao lado da porta



Folha de apontamentos de serviço dos “Estabelecimentos Bailote”

Bailote numa das suas estadias na Suécia (pág. anterior)

do Café do Bailote. Esse edifício tinha também saída para a parte de trás, para a Rua dos Arcos que era onde se encontravam os cavalos para as carrinhas. Nessa altura só havia dois táxis em Albufeira.”

Nos anos 40, Albufeira era uma terra com diversas debilidades, “uma das mais pobres do Algarve”. Este escritor recorda ainda os bandos de “mendigos que andavam em grupos, às vezes de 30, vestidos de negro e que se abeiravam dos comerciantes. Nessa altura, estava tudo aberto aos Domingos e os comerciantes reservavam um tostão ou meio tostão para dar aos pobres que vinham muitas das vezes de Quarteira e até de Montegordo. Nesse tempo, os menos simpáticos de Loulé até diziam que em Albufeira havia fornos mas não havia pão, que tínhamos mar, mas não tínhamos peixe. Recordo-me bem desses Domingos tão negros com os seus pedintes; o meu pai tinha uma loja de fazendas quase frente ao Café Bailote e eles iam para lá, outras vezes iam para a frente da Farmácia Piedade, de Simões Pereira, ou juntavam-se frente às lojas de cabedais de Álvaro Valeroso, então vereador e dirigente da *Mocidade Portuguesa*.”

Porém, passada uma década, Albufeira muda de figura, graças ao alvorecer do Turismo, conforme recorda João Leal:

| 21

*Amigos suecos na Praia do Peneco*





João Leal

---

“Foi no dobrar da segunda metade da década de cinquenta do século passado que, por razões profissionais (um estágio numa Colónia Infantil), culturais (uma participação nos “Jogos Florais”) e afectivas (aqueles bailes no Clube Albufeirense ou na Esplanada do Túnel), mais nos prendemos a Albufeira, quando esta começava a conhecer a gestação do fenómeno que a levaria a ‘capital do turismo algarvio’ e uma das grandes referências, a nível europeu e mundial da designada Indústria da Paz. Um mundo de recordações que envolviam a *Meia Laranja*, centro cívico da então vila albufeirense, a livraria e papelaria do senhor António (onde aguardávamos a chegada dos jornais), o senhor Labisa (um democrata e um grande técnico de futebol), o Hélder e o irmão, que no hóquei em patins davam cartas, a Pensão Albufeirense (onde por 25\$00 tínhamos direito a pensa completa), a “inveja” que nos suscitava o barco em que o então Presidente do Município, senhor Henrique Vieira, se deslocava para vir e retornar à sua residência particular na Praia daoura, onde hoje se ergue o complexo turístico Clube Praia daoura, os anos primeiros do Sete e do Sete e Meio, a fixação do famoso cantor Cliff Richard, o retiro do Arturinho Mascarenhas e as mariscadas e petiscos ali havidas junto ao Cais Herculano, em boa parte devido ao grande dinamizador da vida turística que foi o senhor Álvaro



*Com a filha Lisete no Café, quando esta teria cerca de 14 anos de idade*

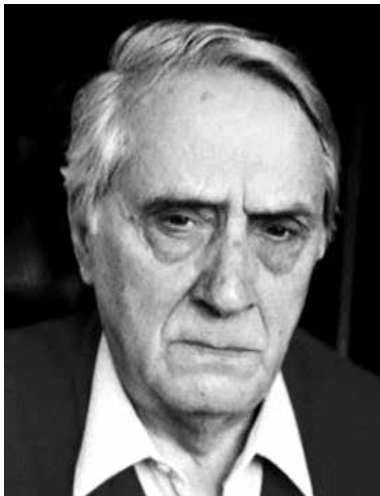
Valeroso” e ainda o já célebre Bailote “que tanto nos inculcou no que à arte e à vida toca, ali no seu Café, na rua principal, ao tempo, a principal sala de visitas albufeirense. [...] Pelo seu Café, ponto de passagem obrigatória de quem vinha ou estava por Albufeira, vimos vezes múltiplas, essa outra grande referência da pintura algarvia, que foi o Mestre Samora Barros, com monumento erigido pela acção voluntariosa do Rotary Clube local.”

Santos Serra também recorda as longas conversas que teve no Café Bailote com Samora Barros, de quem era grande amigo. E no final da década de 50, já entre centenas de estrangeiros, especialmente nórdicos, o jovem médico teve a oportunidade de conviver largamente com diversos escritores portugueses que frequentavam o Café: “O Bailote tinha arrendado aquele café quando tinha 20 e tais anos e fez dele o epicentro cultural da região. Foi frequentado pelo Jorge Amado que passou um mês inteiro em Albufeira, tendo ficado hospedado no Hotel Sol e Mar e que muito apreciou o nosso clima, disse mesmo que não havia melhor clima que este em todo o mundo, e ele era muito viajado. Outro, foi o Ferreira de Castro, também ficou nesse Hotel, mas apenas por alguns dias. Com Vergílio Ferreira, é que eu convivi muito. Tinha ficado na Pensão Ilda e ia todos os dias ao Café do Bailote e era uma animação diária.



*A sua alegria contagiante era notada em todos os convívios*

24 |



*Vergílio Ferreira*

Um dia, o João quis fazer-lhe uma surpresa e foi, apesar de já há muito estar separado da mulher, pedir o galeão ao sogro para fazermos um passeio de barco pela costa. Fui eu, o João, o Vergílio Ferreira, o Sebastião Lima e o Nem Paiva. Fomos a Portimão, almoçamos e regressamos. Depois o Vergílio Ferreira escreveu um belo texto para a *Seara Nova* sobre este nosso passeio, intitulado 'Naufrágio'".

João Bailote, nesta altura, já tinha viajado e exposto em Estocolmo; os seus quadros eram uma atracção nas paredes do Café.

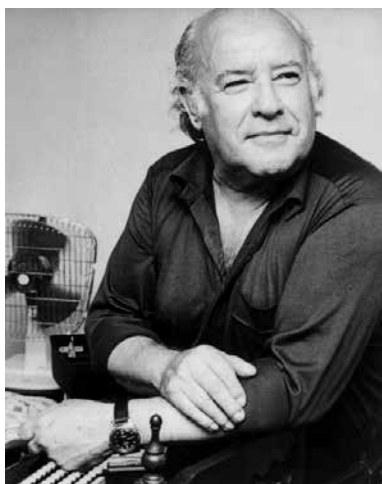
Chegados os anos 60, Albufeira torna-se num dos destinos mais desejados por estrangeiros, nomeadamente os anglo-saxónicos, e portugueses de todo o território, e Fernando Namora recorda, na já anotada publicação de 1986, o fervilhar do cosmopolitismo de então, como se fosse cenário de cinema, por entre algumas marcas do passado: "Com redes estendidas, barcos varados na areia, todos de proa voltada ao mar. Aos lados, as arribas tapam-se de casas, num amontoado de paredes de cal contra o azul do céu. Torno ao jardim. Subindo as ruas, por cafés, lojas, mostruários expostos nos passeios, ruas irregulares estreitas, cheias de pessoas risonhas, que se agrupam, dispersam, cruzam, e se explicam por todo o lado nas mais desvairadas línguas, ao deparar-se-nos o paredão sobre o túnel, que atravessamos, ao vermos a esplanada cheia de gente, a torrar

ao sol, a praia e o mar apinhados de corpos em biquíni, calções, metidos debaixo de toldos, estiraçados na areia, correndo, nadando, mergulhando, temos a suspeita de assistir, numa terra levantina, ao encontro de várias raças, prestes a partirem alegremente para uma bela aventura.”

Nesta década, já Bailote tinha exposto em Londres, contactava com os pintores italianos e já lia Sartre e Dubuffet.

À sua faceta solar, alegre e entusiasta, uma outra menos conhecida ficava em evidência perante aqueles que conviviam de perto com ele, nomeadamente a sua única filha, Lisete. Fora um pai ausente, mas ela desculpava-o, reconhecendo o seu valor artístico e o seu espírito desassossegado. Ela visitava-o no Café, trocavam palavras e alguns afectos. Já era uma jovem casada e já lhe oferecera duas netas. Visitava-o naquele espaço desde menina, porque fora educada com a mãe e a avó, em Portimão. Quando Lisete entrou no Magistério ele passou a visitá-la em Faro e ao notar que poderia estar com algum problema de visão, não descansou enquanto não a levou ao oftalmologista. Quando terminou o curso, aos 19 anos, disse ao pai que queria casar, o que o entristeceu. “Ele já tinha planeado para mim algumas viagens e até já me tinha assegurado casa, em Londres”, recorda Lisete, concluindo: “mas foi ao meu casamento e até correu tudo muito bem”.

| 25



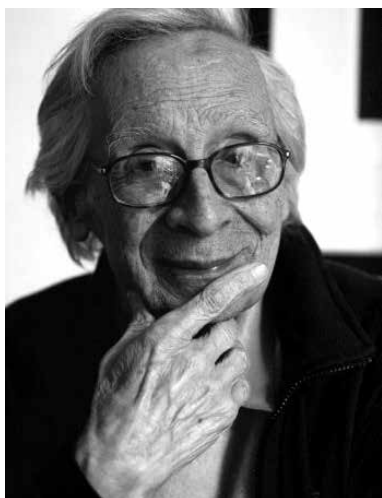
*Fernando Namora*

Bailote cresceu e viveu sempre num universo feminino, constituído, na infância, pela mãe, pelas tias, pelas duas irmãs e, na fase adulta, pela mulher, a filha e as netas, a quem pedia que o tratassem apenas por João, nunca avô. Disse um dia a Urbano Tavares Rodrigues: “uma mulher, note bem, representa para mim mais do que a glória da posse ou o encantamento estético da forma: é sobretudo a descoberta de um novo mundo, que me enche a vida.”

Houve em tempos, porém, uma outra filha na vida de Bailote, a primeira, de nome Rute e que faleceu aos seis meses de idade, de meningite.

Bailote nessa altura ainda não pintava, embora a urgência de catarse dessa dor acelerasse indubitavelmente a emergência da arte. Não se é pintor porque se quer, mas porque uma necessidade interna, da ordem do absoluto, assim o impõe.

A esta perda, Bailote somava uma outra: a do pai, quando ele tinha apenas 10 anos de idade. Mas Bailote nunca falava das suas perdas, do mesmo modo que se recusava a falar da sua



*Urbano Tavares Rodrigues*

pintura.

“O meu pai nunca se mostrava triste, mas era um homem, no fundo, muito solitário no que toca ao seu pensamento.

Isolava-se para pintar e ninguém estava autorizado a vê-lo enquanto decorria o processo artístico. Da sua obra, recusava-se a falar. Também não falava de Deus. Nunca se pronunciou sobre religião. Ele tinha um universo que era exclusivamente dele”, afirma Lisete. Fora desse universo, Bailote regressava à sua outra faceta, à máscara, ria, contava histórias, promovia convívios, ou então era resmungão, de mau humor, chegando a raiar a indelicadeza. Tanto era capaz de tirar um quadro da parede e oferece-lo a quem o apreciasse, como recusar a sua venda, independentemente da quantia que apresentasse. José de Paulo, genro, ri desse tempo e de como o seu humor tanto poderia resvalar de uma rudeza insuportável para uma intraduzível ternura.

A vida não lhe fora fácil. Filho de um pescador que perde a vida no mar por causa das redes que ao serem lançadas o arrastaram pelo barco fora, vê-se no papel de único homem da família ainda em idade tenra. Era o mais novo de três, nascido em casa, na Rua Nova, no dia 10 de Julho de 1913. Isabel Barreto contava com as outras filhas, Isabel e Delmira, para a auxiliarem na pequena mercearia que possuía na Rua Latino Coelho (então a rua tradicional dos pescadores de Albufeira), sustento da família e onde João não podia fugir às obrigações.

Na primeira década do século, Albufeira vivia intensamente do mar, juntando para cima de meio milhar de pescadores, que é o mesmo que dizer-se que quase todos os homens da vila trabalhavam no mar e as suas mulheres, nas conserveiras (de pescado ou de frutos secos). No ano em que Bailote nasce, instala-se a chamada “Fábrica do Alemão”, onde hoje é o Inatel, dedicada à conserva de pescado para sustento, especialmente, de uma Guerra que não se compadecia de alimentos frescos nas trincheiras. Já então laborava na vila, desde 1910, a Ramirez. Outras mais se seguiram, mas o final da Guerra ditou a decadência da indústria e a produção caiu vertiginosamente. No início dos anos 30, Bailote arrenda a sua própria mercearia na então Rua Direita, casa pequena, mas perto do túnel que dava acesso à praia. Era das artérias mais movimentadas de Albufeira. Mesmo em frente funcionava também o posto de Correios, mas apenas no Verão. E da sua mercearia podia ver Belmira, prima

26 |



*Túnel da Praia dos Pescadores antes da intervenção de Duarte Pacheco, em 1935*



*Ao sol da Suécia, em casa de amigos*

direita. Podia falar com ela sem ser no ambiente de família. Era bonita, culta e muito desenvolta com a língua francesa. E assim pôde também pedir Belmira em casamento.

Mas de Inverno, o serviço de correio, telefones e telegramas, onde era operadora de PBX, mandava Belmira para Portimão, pelo que tiveram que arrendar lá uma casa. Viam-se apenas aos fins de semana. Já então Bailote era procurado pelas mulheres e a distância geográfica entre o casal, veio a ditar a infelicidade de ambos. Entretanto, o nascimento de Lisete, mas Bailote e Belmira continuavam separados. Para padrinho da filha, convidou o então presidente da Câmara, Henrique Vieira, mas a submissão do autarca a Salazar, fez com que passasse a ser um inimigo declarado.

“Ele era sempre contra poder e essa era a sua posição política, não gostava que homens usassem de arrogância contra outros homens, simplesmente porque tinham um cargo político”, assegura a filha.

Nos anos 40, ainda longe do ciclo do turismo, nos tempos sem fregueses de mercearia, rabiscava, desenhava sobre o balcão... a mulher distante, uma filha morta, outra ainda pequena e que



28 |

*Bailote ao fundo, de camisola preta, nas primeiras boates de Albufeira*

raramente via, um pai que mal recordava, línguas novas para aprender, conterrâneos mais ou menos submissos aos magotes de gente loura, o peso de um regime ditatorial, o rescaldo da Guerra Civil Espanhola, os horrores que vinham estampados nos jornais do final da Segunda Grande Guerra. Abriu o seu café em 1941, no ano em que Lisete nasce, inicialmente um espaço pequeno, mas com acesso ao sótão, que transformara no seu atelier e onde rigorosamente ninguém entrava. Ali também se dedicava à leitura.

Na mercearia vendia produtos finos, louças, cordas, cereais e tudo quanto fosse preciso. No café, primavam os licores, nacionais e estrangeiros, uma vasta gama de vinhos, mariscos, tabacos e café. Era ainda o concessionário da esplanada do túnel e dada a proximidade da paragem dos autocarros, que por ali passavam recheados de turistas, era também o revendedor da zona do óleo para motores da marca *Pennzoil*.

Aos 35 anos de idade resolve fazer a sua primeira viagem



*A fazer sangria numa panela, à boa maneira da tradição, numa festa de amigos em Albufeira*

| 29

ao estrangeiro. Vai a Inglaterra e deixa-se contaminar pela actividade artística. Quando regressa, ainda no ano de 1948, inicia-se na pintura a óleo e faz do café a sua galeria. De resto, não havia nenhuma mais na região. No ano seguinte, um grupo entra-lhe pelo café, liderado por Mr. Bertil, cientista de sucesso na área da Entomologia e com uma predileção especial por borboletas. Não necessitava, de resto, de ir para muito longe da costa. A então Quinta da Bela Vista era prodigiosa em borboletas de diversas espécies e joaninhas. A captura exige desenho científico posterior, mas nas horas livres, Bertil preferia os óleos e as paisagens rurais representando-as sob uma estética impressionista. Depressa se estabeleceu cumplicidade entre ambos. Volvido pouco mais de um ano após o dia em que se conheceram, Bertil convida Bailote a visitá-lo na Suécia e a viagem acontece em 1950. Depois de ter contactado com a criação e diversos movimentos artísticos em Inglaterra, conhece então a crítica académica e o prestígio de que o seu amigo Bertil



*Bertil Gullander, o amigo que lhe abre as portas do mundo da arte*



*António Ferro, o grande entusiasta das artes modernistas em Portugal*

---

Gullander gozava na *Real Sociedade das Ciências de Uppsala*. Bertil convidou-o a trabalhar consigo e ele aceita. Mas aquele país frio e a diferença entre o que a ciência exige e o que a pintura não perdoa, fê-lo regressar de novo à terra natal, pelo que não trabalhou durante muito tempo com Gullander e assegurou: “não recebi muito por parte dele”.

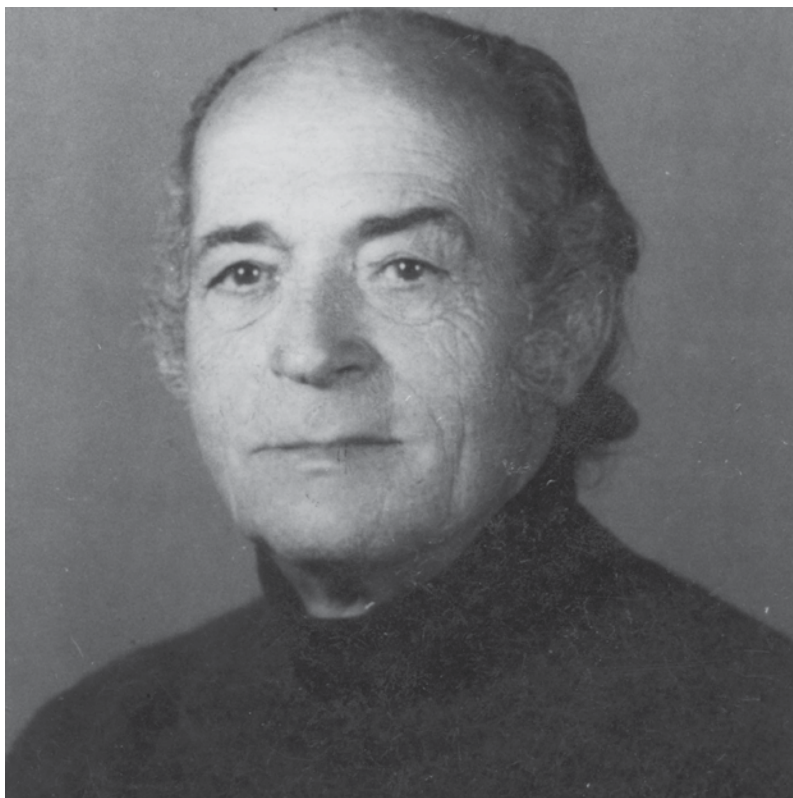
Gullander, que em 1950 pintou dois motivos rurais de Albufeira, viu Bailote trazer da Suécia também um motivo rural do seu país, um moinho, numa pequena tela de 28x17cm. Não seria ajuste de contas entre pintores, mas sem dúvida a expressão da opinião que tinham do país, de um e de outro, pintados com cores e técnicas muito semelhantes.

Quando regressa a Albufeira, ainda em 1950, concorre àquela que foi a última Exposição de Arte Moderna do SPN/SNI (Secretariado de Propaganda Nacional que em 1945 passa também a designar-se por Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo), que vinha sendo realizada por António Ferro desde 1935. Este foi o ano do afastamento de António Ferro e ao nível da organização, esta não foi das mais felizes, pelo que Bailote possivelmente sofreu esta instabilidade, já que a sua obra não foi aceite para integrar aquele certame.

Em 1952, volta a apanhar o avião com destino à Suécia, onde expõe na capital, Estocolmo. Todos os quadros que levou, vendeu. O sucesso foi falado no Algarve.

Depois destas viagens, tornou-se ainda mais desassossegado. Visitou de seguida a Alemanha, vagueou por todos os espaços artísticos, mas foi Itália quem mais o seduziu. Ali regressou todos os anos, desde 1953, de comboio ou de barco, passando os dias inteiros em museus e galerias de arte nas cidades de Florença e Roma.

Quando em Lisboa nasce, em 1956, a Fundação Calouste Gulbenkian, logo é anunciada a I Exposição de Artes Plásticas



*Bailote com cerca de 70 anos de idade*

nacional e Bailote é um dos artistas seleccionados, tendo a Exposição ocorrido no mês de Dezembro de 1957. O artista vencedor é Eduardo Viana e a Exposição fica marcada pela polémica gerada pelas quatro composições abstractas de Almada Negreiros.

No ano de 1959 desloca-se à Dinamarca e inscreve-se nos cursos livres da *Academia de Alborg* no sentido de apurar as técnicas de composição. E há uma alteração na sua pintura, começando a abandonar os ocres e as perspectivas longínquas. O regresso traduziu-se por uma produção vertiginosa, tendo sido os estrangeiros quem mais usufruiu das suas obras. O caderno das contas correntes do café foi riscado para passar a ser o inventário dos quadros que vendia, reunindo para cima de uma centena de encomendas.

Em 1960, quando começam a irromper os azuis e o preto nas telas, participa no 3º Salão de Arte Moderna e vê novamente as suas obras serem aceites pela Fundação Calouste Gulbenkian, para aquela que seria a II Exposição de Artes Plásticas, a qual ocorre em Dezembro do ano seguinte, na FIL – Feira Internacional de Lisboa. As grandes amizades com os pintores nacionais são



*As contas correntes do Café cederam aos apontamentos das encomendas dos quadros*

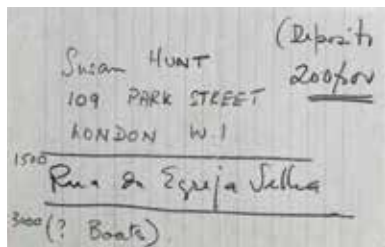
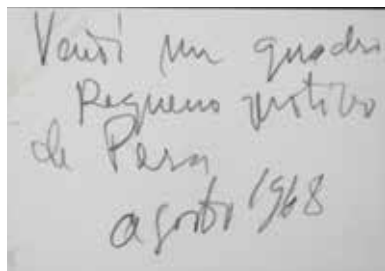
*Catálogo da Fundação Gulbenkian, 1957*



Centenas de encomendas de trabalhos constam do livro de capa vermelha, por onde se espalham diversos bilhetes com moradas e pedidos de mais obras



32 |



solidificadas neste ano.

Londres foi a capital seguinte, onde expôs em 1962 com sucesso absoluto, ou seja, de lá trouxe apenas um quadro. As encomendas de mais obras, foram-se multiplicando e a Sociedade Nacional de Belas Artes convida-o a expor em Lisboa.

Gerir o café, trabalhar intensamente na sua obra e manter as relações sociais, não era fácil. A isto acrescia o seu papel de intermediário imobiliário, pois a ele recorriam os estrangeiros que queriam adquirir terrenos e casas em Albufeira. Talvez por isso desse respostas pouco cordiais a questões de conterrâneos que estavam longe de adivinhar todas as suas preocupações, sendo a artística, indubitavelmente, a mais premente. Conta Fernando Serol no seu artigo, que um dia alguém da terra, ao obter o preço de um quadro que se encontrava à venda no Café, lhe responde: “Eh pá, um quadro por essa quantia? Só sabes é roubar!”. Acusar um artista de ladrão é, no mínimo, infame. José de Paulo conta também que certa pessoa que se mostrava interessada em ter um quadro seu, mas não tendo ainda realizado dinheiro suficiente com a sua actividade turística, impacientava sempre que pudesse o pintor, nomeadamente com afirmações de que tinham cores interessantes para decorar a sala. Quando finalmente se achou verdadeiramente rico, surge no Café disposto a pagar o que Bailote pedisse. Mas aí, teve a resposta merecida. Bailote fitou-o e respondeu-lhe que a única coisa que ele era digno de pendurar nas paredes, era o dinheiro.

Não suportava comportamentos ostensivos. “Detesto o arrebique. Gosto da simplicidade, nas pessoas como na pintura, no estilo de vida”, referiu certa vez.

Nova Iorque foi o destino que se seguiu para nova exposição e no regresso, os convites tornaram-se assíduos para estar presente em diversos salões.

Em 1973, Lisete vem viver para Albufeira. O pai mantém a intensidade do trabalho artístico e já não lhe interessam os grandes convívios nem se deixa encantar pelos sorrisos femininos. Lisete, mais jovem que ele, alemã, era quem lhe merecia a atenção. Uma mulher calma, simpática para com Lisete (que a tratava por “Liló”) e que mostrava saber cuidar do artista. “Era e ainda é uma mulher muito bonita e tinha uma infinita paciência para com o meu pai. Tratava-o com muita doçura, ele é que não era tão afectuoso para com ela.”

Em 1983 separam-se. Bailote fica sozinho mas tinha encontrado



| 33

*Assar sardinhas na praia, uma tradição que gostava de reter especialmente para os amigos*



*Bailote contando histórias no seu Café*

finalmente a paz e procurava estar mais próximo da família. No Natal de 1984 oferece-lhe um quadro com a dedicatória: “Para / família / de Paulo / Com muito amor.”

A partir de então a doença começou a galgar e o corpo foi perdendo forças. Os tratamentos eram duros de suportar, divididos entre Lisboa e Coimbra. “Mas nunca se queixava, parecia estar sempre alegre”, diz Lisete. Os seus grandes amigos em Albufeira eram José Lúcio, António Barulho, Miguel Sequeira, Ione Tanton e Paul Christiansen, mas destes, só permitia a visita de António Barulho.

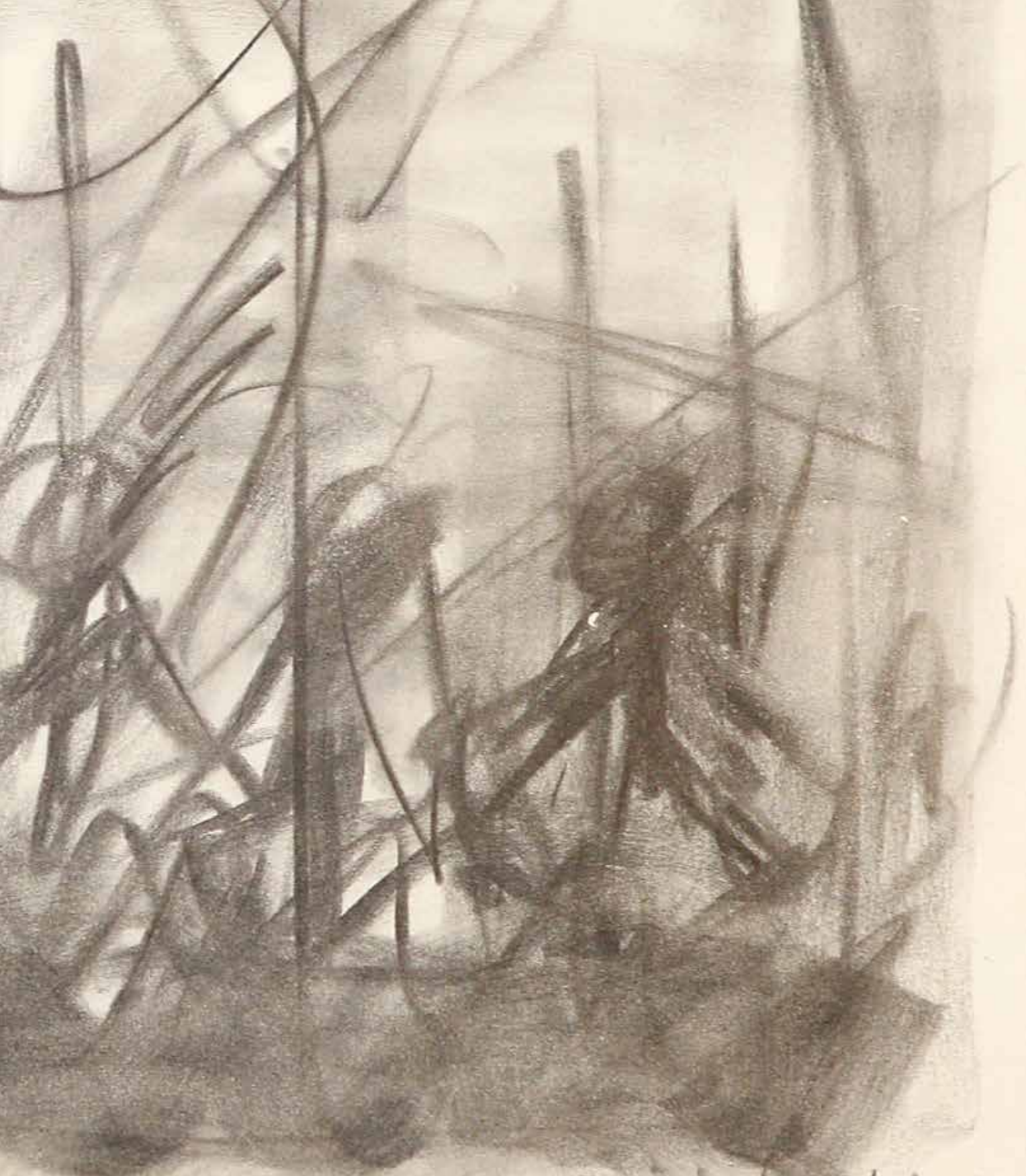
“Só o vi triste uma vez, pouco tempo antes de partir. Estava encostado nas almofadas e a cama dele ficava defronte da janela de onde se via o mar. Estava revoltoso, com grandes ondas. Vi-o com lágrimas nos olhos... Nunca mais vou poder pintar o mar, disse. Estava profundamente triste. Foram das suas últimas palavras”, lembra a filha, que foi quem cuidou do pintor até ao fim.

Apesar de ser um português ilustre presente na *Grande Enciclopédia Luso Brasileira* e no *Dicionário Biográfico dos artistas Portugueses do Século XX*, de Michael Tannock, da sua obra estar representada no Museu do Neo-realismo, desde a sua abertura (1990), em Vila Franca de Xira e de ter sido alvo da atenção do conservador-chefe honorário do Museu do Louvre, René Huyche, na obra em três volumes *A Arte e o Homem* (Librairie Larousse, 1961), João Bailote continua longe da atenção dos críticos. Isso nunca o espantou: “Não acredito no homem. Já não creio na amizade verdadeira. Talvez os meus quadros sejam o reflexo de uma dor íntima e constante, da procura de um ideal de relações afectivas que não existe.”









Bardh 66

---

# O CRIADOR DA "PINTURA DA SOLIDÃO"

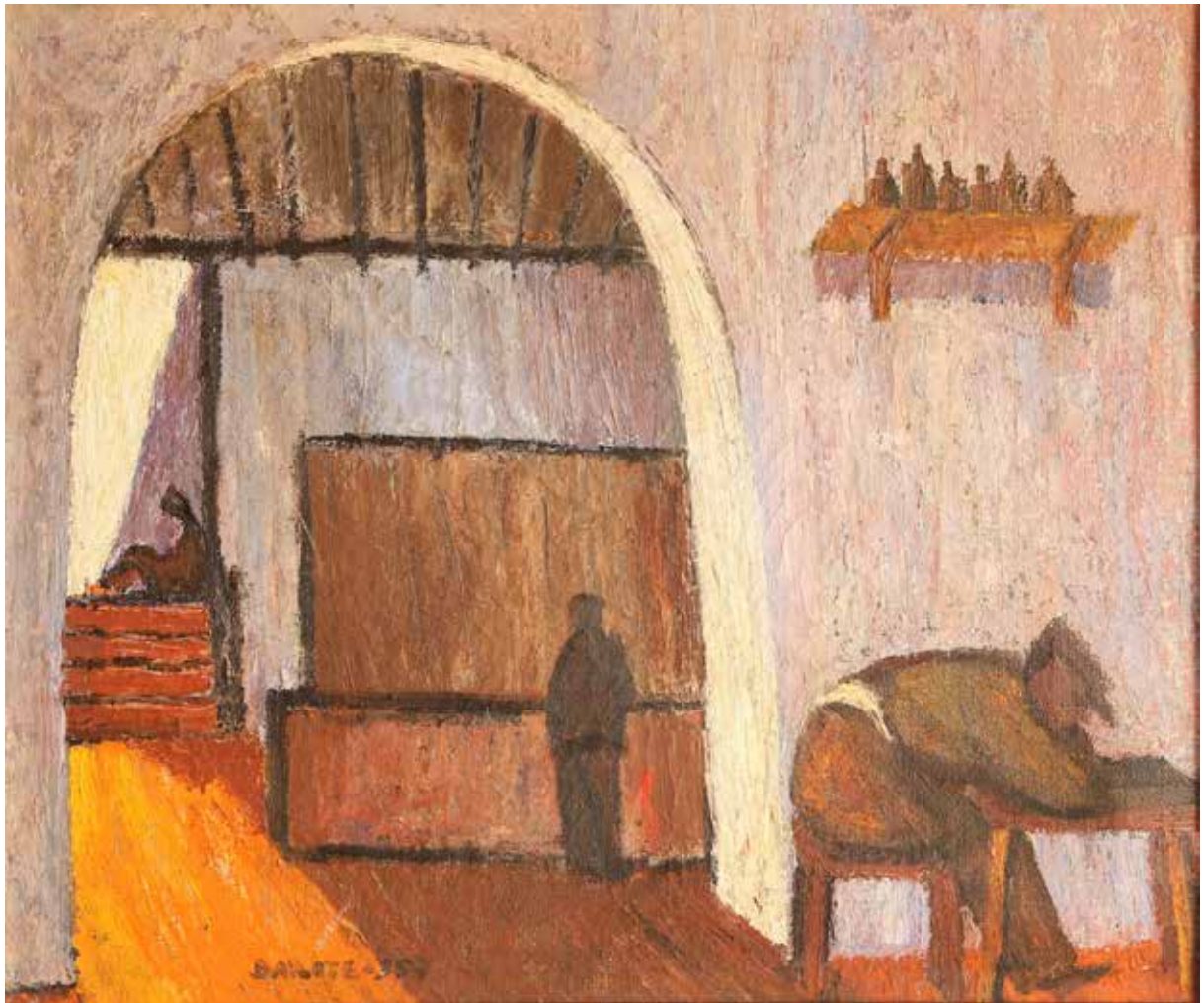
---

38 |



---

É no catálogo da exposição de 1997, um A4 impresso de ambos os lados, que o texto de Urbano Tavares Rodrigues publicado em *Tempo de Cinzas* (ed. Ulisseia, 1968) é ali reproduzido, esclarecendo uma parte significativa dos albufeirenses sobre o pensamento e inquietação estética de Bailote: o pintor confessa-lhe num encontro tido em 1966 gostar de ler Jean Paul Sartre, de biografias e de livros de arte, diz que homenageou Georges Braque (um dos fundadores do cubismo, juntamente com Pablo Picasso) num dos seus quadros, que se sente intrigado com “os abstractos americanos” e diz que a sua única influência é Dubuffet. Urbano Tavares Rodrigues salienta notar nas suas telas a “influência dos negros de Goya” e é peremptório em classificar João Bailote como um “expressionista moderno, criador de uma pintura de solidão, através da miragem de uma vila desértica, constituída por casas que se supõem habitadas”. Há, porém, na crítica impressionista de Urbano, dois elementos estéticos de pendor sociopolítico que constituem a grande valia deste memorial da relação que o escritor manteve com o pintor: o “trágico” e a sugestão contínua de “mastros”.





---

Urbano, escritor de esquerda de larga herança francófona, também ele um dos muitos intelectuais portugueses exilados em França (1949-1955), sendo aí docente do ensino superior, amigo de Albert Camus e conhecido de Sartre, não deixa de dar ao artigo “pinceladas” do ambiente artístico de Paris, comparando o ambiente de “familiaridade conflituosa e álcere” do Café Bailote, com esplanada sobre a Rua 5 de Outubro (confronta com o túnel que dá acesso à Praia dos Pescadores) ao *Quartier Latin* “sur mer”. Valoriza no pintor o seu lado “encantador, afectuoso e original” com as pessoas que lhe agradam, de como as raparigas de “pig tail” o tratavam por “tu”, tomando-o por “cúmplice do yé-yé” e o modo ruidoso de quando partia daquele local no seu *Fiat sport*.

O escritor criado em Moura foi um dos grandes entusiastas da obra de Bailote, apresentando-o a António Charrua (Lisboa,





---

1925-Évora, 2008), a Marcelino Vespeira (Alcochete, 1925-Lisboa, 2002) e a Mário Dionísio (Lisboa, 1916 – 1997, Lisboa), entre outros.

Apesar da admiração dos pintores do seu tempo pela sua obra, e vice-versa, a estética de Bailote não comungou totalmente com a dos seus pares. Não declarou Van Gogh como seu mestre, como fez Dionísio, não se afirmou precursor de Picasso como Charrua e muito menos surrealista como Vespeira.

Mesmo assim foi um pintor verdadeiramente respeitado por todos, independentemente da abordagem estética. Mário Dionísio tinha mesmo nas paredes de sua casa alguns dos seus quadros, razão pela qual a *Casa da Achada – Centro Mário Dionísio* promoveu em Outubro de 2012, por altura do terceiro aniversário daquele centro artístico, a Exposição “28 artistas amigos de Mário Dionísio – reconstituição das paredes duma casa”, na qual figurou Bailote, a par de Abel Salazar, Álvaro Cunhal, António Augusto de Oliveira, António Cunhal, Avelino Cunhal, Betâmio de Almeida, Boris Taslitsky, Cândido Costa Pinto, Cândido Portinari, Carlos de Oliveira, Carlos Scliar, Cipriano Dourado, Germano Santo, Joaquim Arco, Jorge de Oliveira, José Huertas Lobo, José Joaquim Ramos, José Júlio, Júlio, Júlio Resende, Manuel Filipe,





*Cruzeiro Seixas*

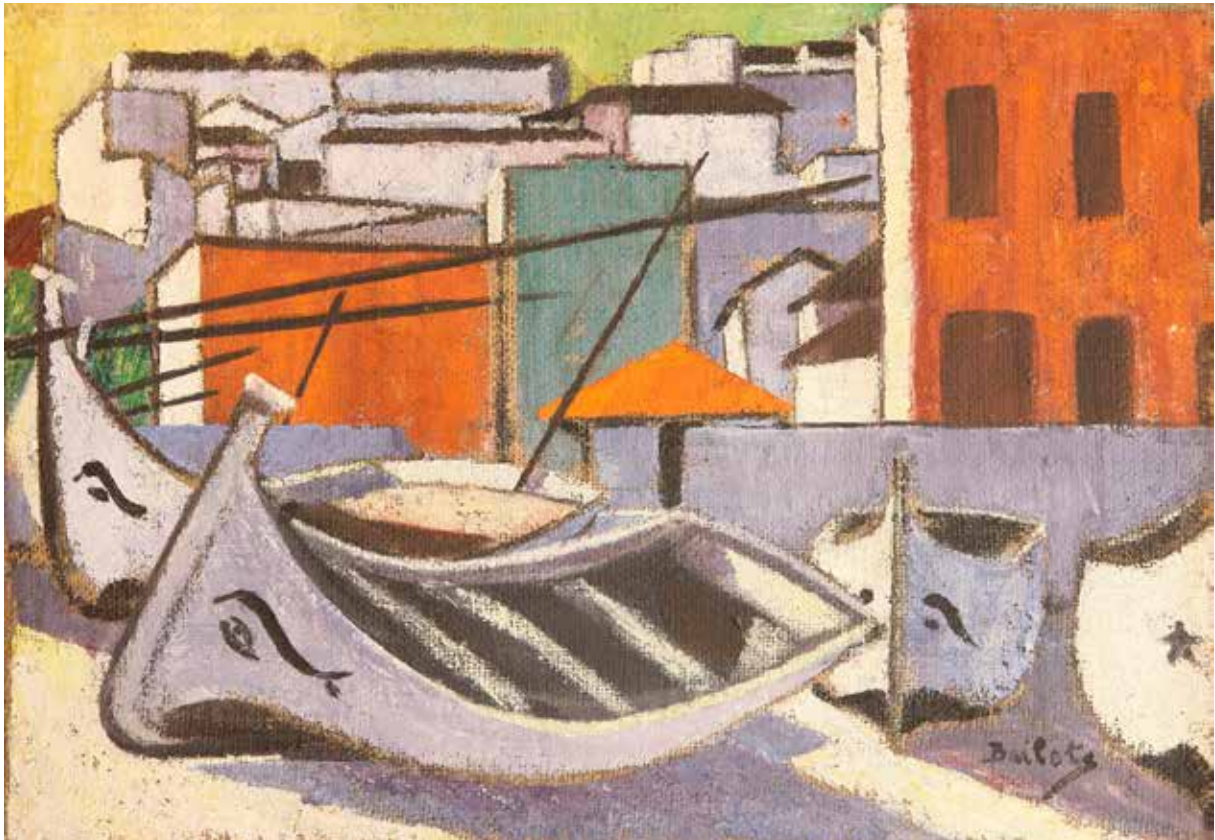
Manuel Ribeiro de Pavia, Maria Barreira, Raul Perez, Rogério de Freitas e Vieira da Silva.

Cruzeiro Seixas, um dos fundadores do Surrealismo português, ainda hoje imprime outro tom à voz quando se refere a Bailote: “foi grande, um admirável pintor, tenho por ele o maior amor... esse sim!”, referiu-me em Setembro de 2014 em Vila Nova de Famalicão, no apartamento que lhe foi cedido pela Autarquia, com o apoio da Fundação Cupertino de Miranda, onde se situa o Museu do Surrealismo.

Seixas seria capaz de falar “ternuras” sobre o pintor de Albufeira ao longo de todo um dia. De tal intensidade foi sempre a sua admiração por Bailote, que em 1988 foi o principal impulsionador de uma exposição na Galeria de Arte de Vilamoura, reunindo 47 das suas telas, numa mostra que ficou patente ao público ao longo de três meses (Março-Maio). Seixas vivia então na casa a que chamava “Caverna”, em São Brás de Alportel, uma pequena casa da serra, propriedade da Autarquia, onde frequentemente era visitado por conhecidos intelectuais portugueses dos anos 70-80 e onde produziu com bastante intensidade.

O que os unia era, de facto, o país: um país ditatorial em que a informação era escassa, as escolas de Belas Artes pouco livres





e que para se ser artista só havia a saída da emigração. Quem ficava teria que serenar a seu desassossego intelectual através de viagens, cursos livres no estrangeiro e assinaturas de jornais e revistas de arte vindos de outros países.

Bailote escolheu viver em Albufeira. A sede de estar em consonância com as inquietações artísticas internacionais moveu-o para diversos locais, para diversos contactos com estrangeiros e para leituras atentas de tudo quanto saía no que concerne a arte.

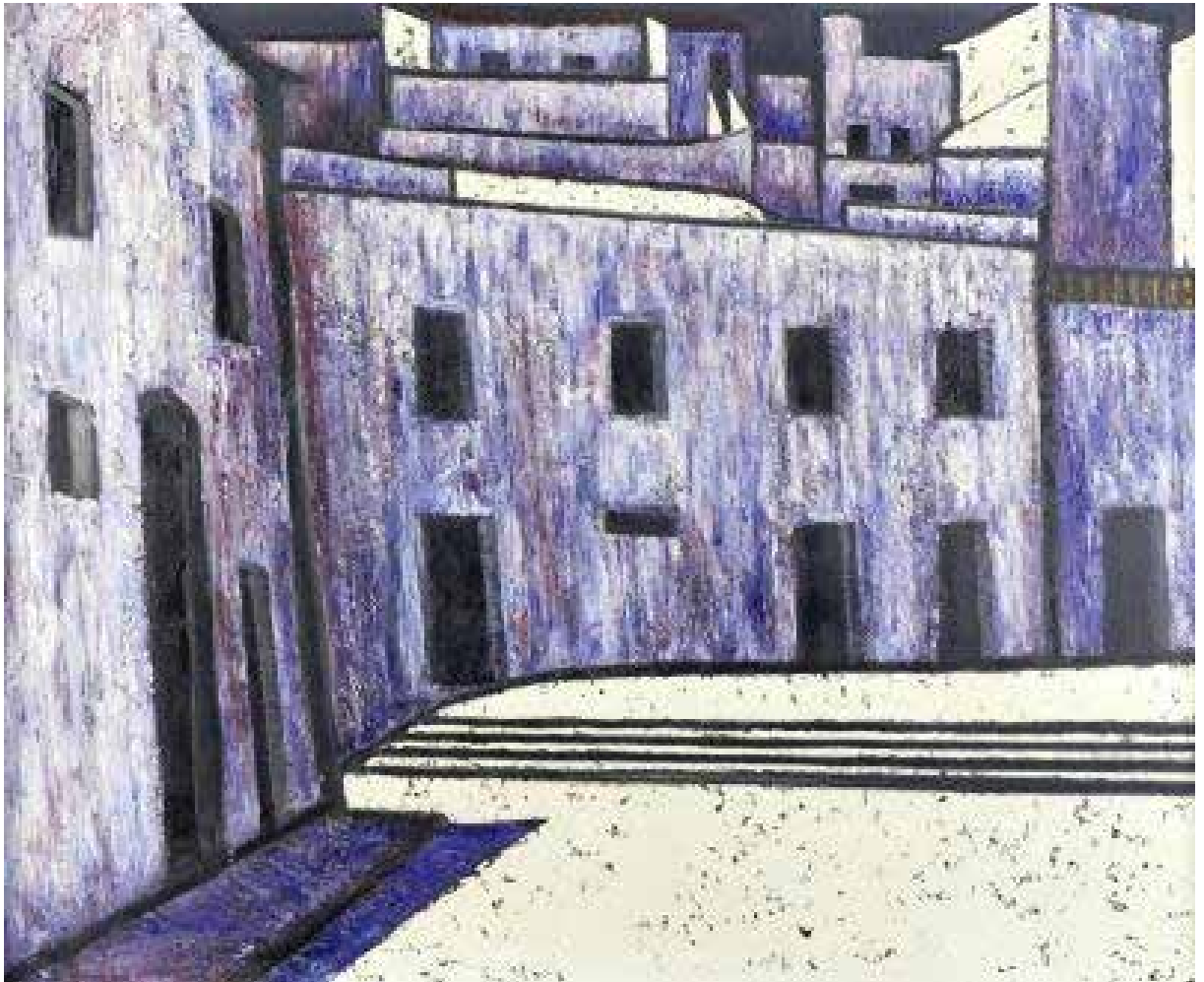
Por este motivo é que Seixas considera a pintura de Bailote dos anos 40 como “erudita” e que “dificilmente se poderá chamar de ingénua”.

Efectivamente, a pintura de Bailote vai muito para além do que parece representar. Para começar, sendo a pintura a metamorfose na qual os sentimentos se transmutam em matéria, transmutando-se o inefável em substância e forma sensível, que pensamento é o deste pintor? Através deste fluxo, é legítimo questionar de onde vem a luz: do interior ou do exterior? Só mais uma questão: como bem notou Ortega y Gasset, “eu sou eu e



---

as minhas circunstâncias”, as quais implicam geografia, clima, história e heranças e são precisamente essas circunstâncias que nos permitem identificar de imediato Goya ou Picasso como espanhóis ou Delacroix ou Chardin como franceses, logo, não está Bailote na linha dos mais genuínos pintores portugueses? Sim, é resposta a esta última questão, porque as anteriores merecem um outro capítulo: que luz reflectem as casas de Bailote se o céu é negro? Tal, não deixa de causar estranheza, especialmente por ser Albufeira um dos pontos geográficos do país com mais sol ao longo do ano, sendo a sua luz uma das grandes atracções de pintores e fotógrafos. De igual forma, a maioria das casas e janelas não têm caixilhos, não têm portas: são como olhos vazados tal como as cavidades das caveiras, o que, de certo modo, imprime em determinadas telas um ambiente lúgubre que sugere um cemitério em processo de abandono. Em algumas composições, uma ou outra casa possui um interior





48 |

---

amarelo, onde os nossos olhos querem ver velas de cera ou a luz do *Petromax* ou até mesmo o sol ali guardado...

Mas como, se não existe radiância?; como, se o que ali se encontra são rectângulos ou quadrados quase dourados?

Seixas vê na Sombra, na Luz e no Azul de Bailote, personagens “demasiadamente humanos”.

Talvez isto justifique a confissão que o pintor de Albufeira fez a Urbano, de que Jean Dubuffet (Le Havre, 1901-Paris, 1985) foi quem mais o influenciou. Creio que o disse mais no que toca ao pensamento teórico do mentor da *Art Brut*, a “arte bruta” ou “crua” proveniente dos artistas autodidactas, livres de escolas e longe do mundo cultural, do que propriamente na estética, na forma, já que em bastante difere a obra de um e de outro; outra similitude, do âmbito do *fait-divers*: ambos tinham casas abertas ao público onde vendiam vinhos.

Mas como muito bem nota Cruzeiro Seixas, a mais-valia da sua obra reside na sua poética, no poder de captura que tem mediante a criação da sensação de irrealidade. Esta posição é assumida pelo surrealista num texto que aqui merece ser recordado:

“Recordo os anos 60 em que descobri Albufeira, uma albufeira, sítio mágico formado pelo mar e suas marés para atrair pescadores, suas ‘artes’, suas casas, e falésias que, em linha ligeiramente oblíqua, parecessem atravessar de lado a lado o mundo, anfiteatro (teatro, diria eu) de espectáculo permanente. Mais neptunos que sereias pelas ruas desses tempos (que parecem de há mais de 50 anos!), em poses de inultrapassável elegância, postados em intermináveis conversas, beberricando pelas tabernas ou adormecidos sobre a areia entre duas saídas ao mar, rodeados de cordames e outros aprestos manuelinos. Tudo parecia obra de estúdio de cinema, esses que conseguem reconstituir a Idade Média, o mar em fúria, ou o imenso *Far-West*. O que quero dizer é que não posso hoje pensar em Albufeira sem lembrar João Bailote e o seu café, sem a descoberta da sua



---

pintura azul ali exposta nas altas paredes, entre mesas, cadeiras, e o verde complementar de um bilhar. Ali se reflectia, como num espelho, o que faltava ao que os nossos olhos naturalmente simples, captavam; subtis inquietações, mistérios, a diversidade infinita dos caminhos desses tempos.

O azul em que mergulha todo o Algarve, dividiu generosamente uma boa parte de si, com a paleta deste pintor. Lembro que quando saímos do café (café-museu como diz muito bem Manuel da Fonseca nas 'Crónicas Algarvias') e olhamos a fachada, o mesmo azul e o mesmo branco das telas perturba-nos, e cria de súbito uma sensação de irrealidade; somos nós personagens dos quadros que vimos? Somos, evidentemente.

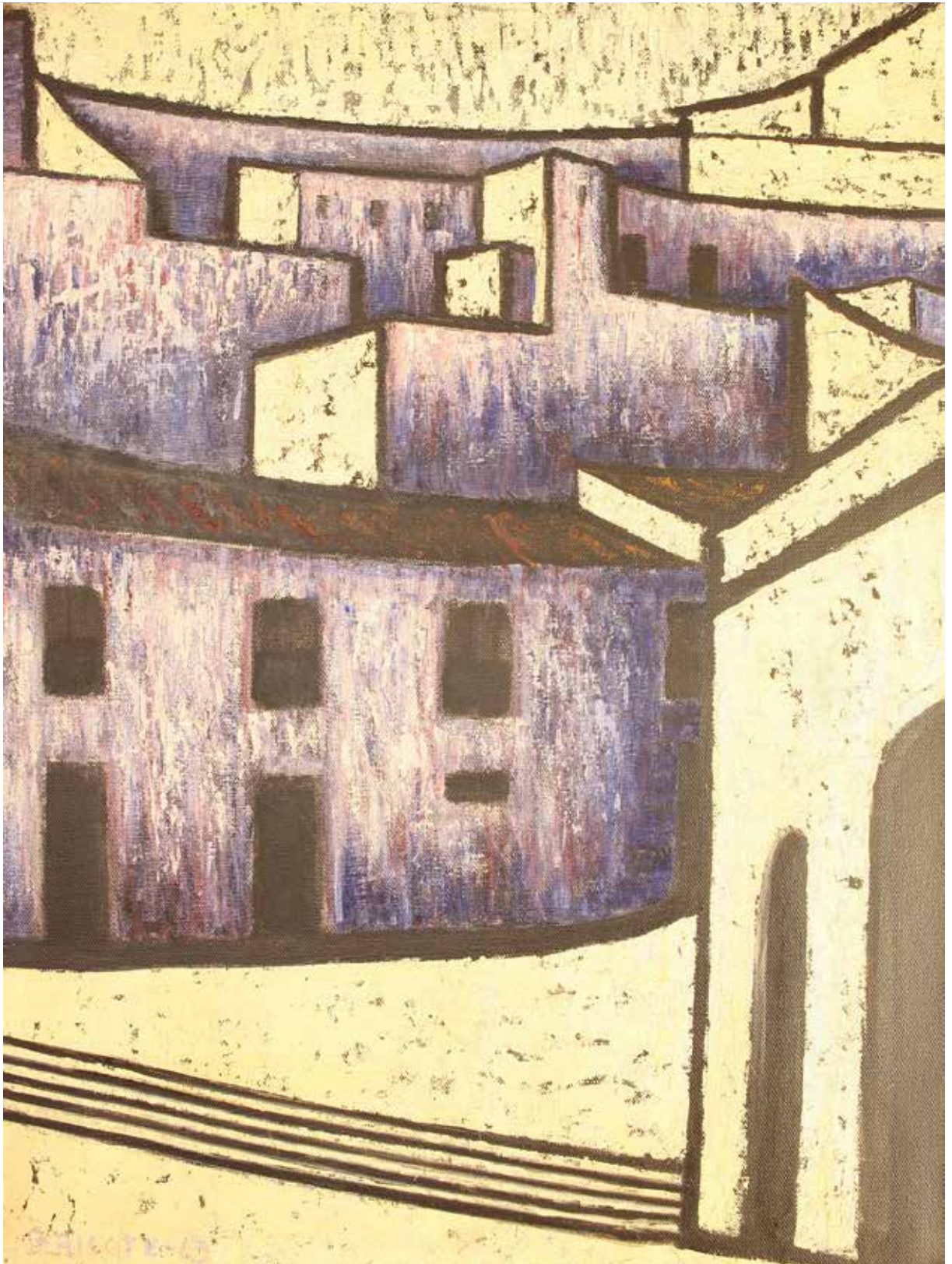
50 |

Recordo Bailote, de certa maneira como um cronista que narra, como narraram Fernão Lopes ou Mendes Pinto. E não é necessária realmente a presença aparente de personagens nesta pintura, pela simples razão de que a Sombra, a Luz e o Azul são personagens humanos, demasiadamente humanos. Poeta é o que se pode chamar a João Bailote. Se houver um pintor do Algarve ele aqui está, sem academismos, inventor de si próprio, reinventor da nossa própria visão. Coisas como uma janela, o tosco de um muro, a perspectiva cubista de uma rua íngreme, uma torre e um arco, duas pequenas portas, respiram normalmente diante de nós... É o poema!

Nos anos 40 esta pintura, deve-se lembrar, era paralela a muita da pintura erudita que se fazia entre nós, e dificilmente se poderá chamar de ingénua.

Assim, algarvio pelo amor e pela sabedoria da luz recolhida, só me lembro de um pintor que se aventurou a um Algarve então quase desconhecido, Falcão Trigoso e as suas 'Amendoeiras em Flor'; de certa maneira desfasado no tempo universal, mas tão português que hoje, quando a pintura quer ser cópia exacta da que se faz em Nova-York, não posso deixar de homenagear, homenageando João Bailote, e este Algarve, que é urgentíssimo salvar de destruição tão completa, como a que aconteceu quanto







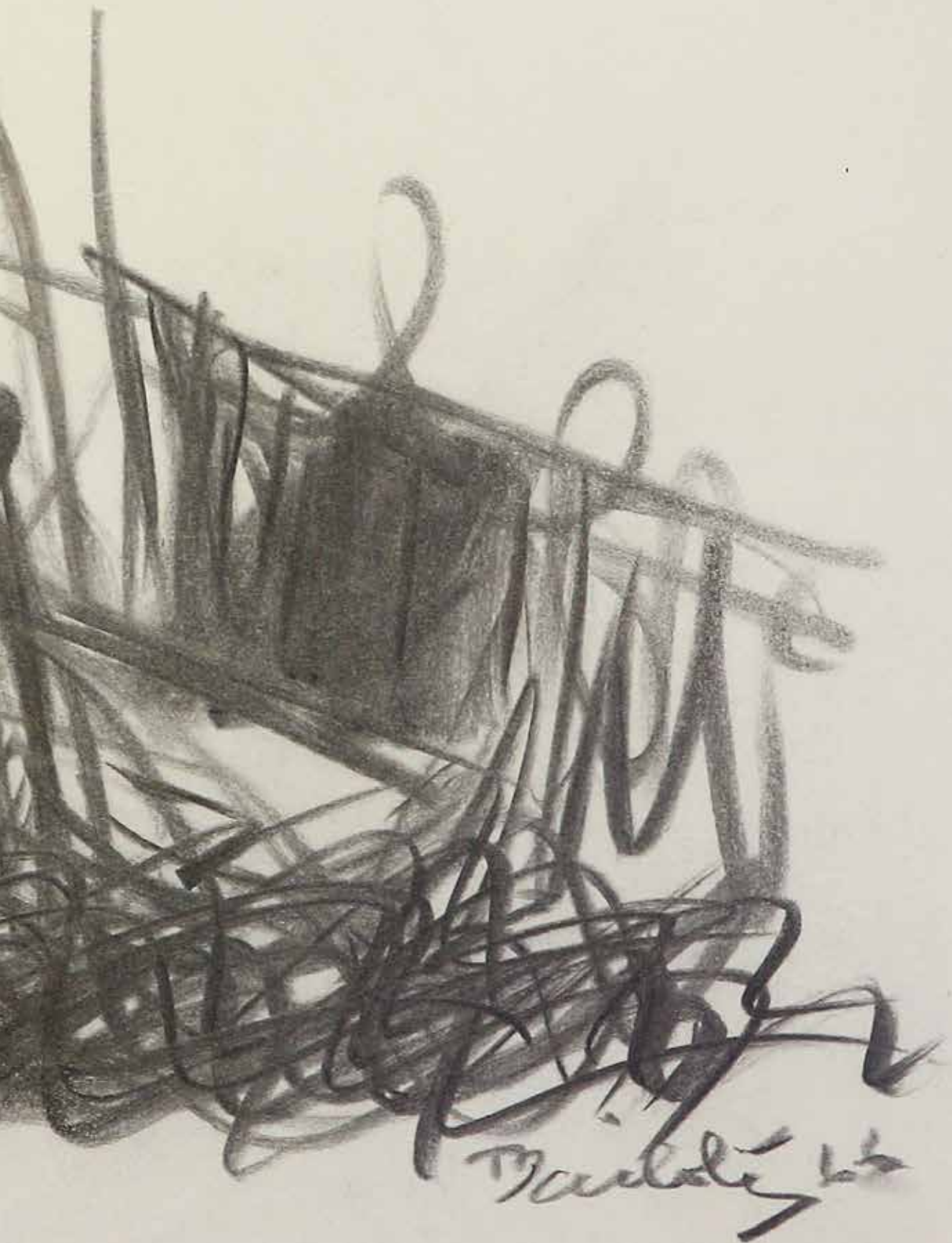
---

aos testemunhos árabes, que infelizmente só podemos encontrar na vizinha Espanha...”

Seixas não foi o único a ver na pintura de Bailote uma tentativa de insurreição contra a eventual perda de identidade do Algarve, nomeadamente Albufeira, o que nada tem a ver directamente com o novo paradigma do tecido económico – até porque ele muito comungava deste deslocamento social. A “dor íntima” de que nos fala viria muito mais pelo esquecimento que os próprios autóctones poderiam deixar cair a sua terra e cultura no sentido antropológico, permitindo que o que tinham de mais genuíno caísse, eventualmente, num espanto sepulcral de abandono.







Monday 1st

---

# A TUDO OPOSTO (E SER O TUDO)

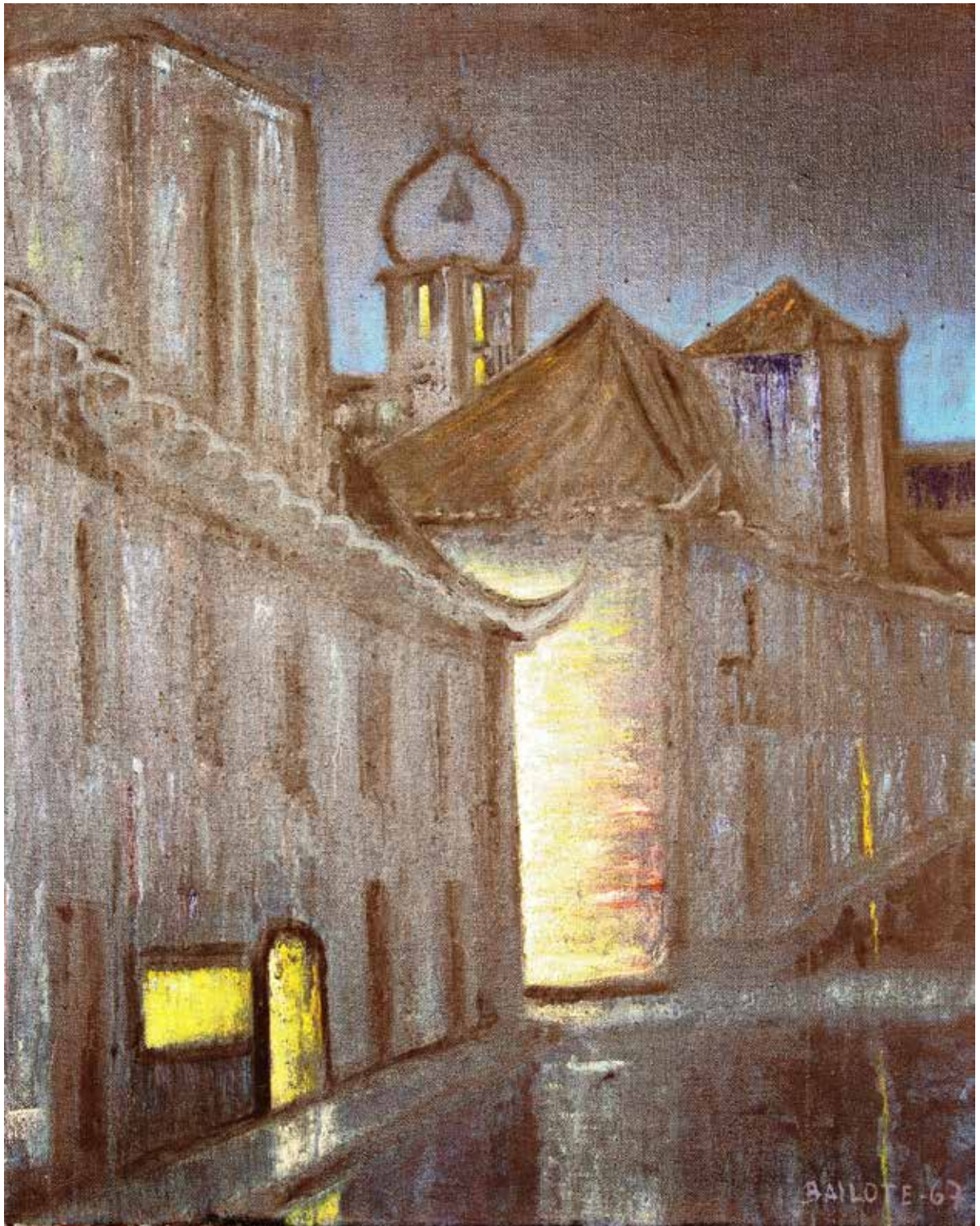
---

56 |



Como já o disse, é sintomático que o livro de contas correntes do café se tenha tornado no livro de apontamentos de encomendas de quadros. De igual modo, o espaço deixou de ser um estabelecimento comercial de bebidas com pinturas, para passar a ser, eminentemente, uma galeria de autor onde também se poderia consumir, o que era uma inovação que até aos estrangeiros causava surpresa.

A Urbano Tavares Rodrigues, esta situação parecia-lhe um cenário mental de Rimbaud, dizendo-nos que “no coração artístico desta Albufeira saxonizada, ou seja, no ‘Café Bailote’, mais *débraillé*, a linha é outra; aí pode encontrar-se gente nova à procura de si, com a violência, a ironia, a excentricidade de esquizóides e dos poetas em germe, das adolescentes que ainda misturam sexo e modernidade, dos vagabundos rimbaldianos em revolta contra o mundo adulto. As paredes estão cobertas de quadros do Bailote. Terraços, ruas sem gente, sombras, cúpulas de capelas, barcos, mastros e esses dramáticos azuis, essa estranha brancura, síntese de sol e de neve, através da qual se exprime a sensibilidade de João Bailote. A matéria rica, a unidade da composição, a sugestão de um universo interior afirmam um pintor autêntico. Os estrangeiros que ainda não se habituaram







| 59



---

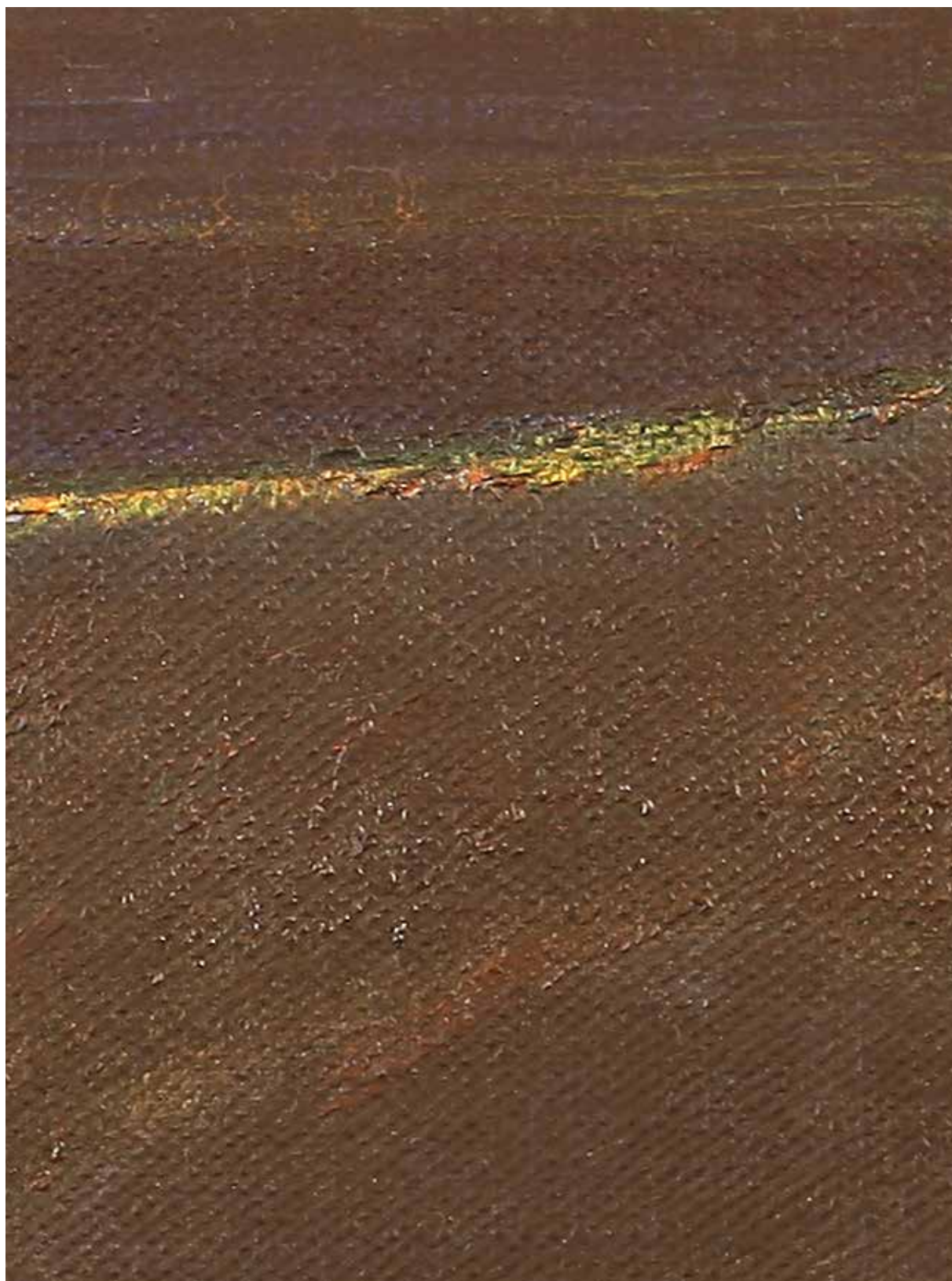
ao 'café', percorrem com olhares atentos aquela sucessão de imagens de um Algarve onírico, despovoado, quieto e trágico". Por outras palavras, ao entrar-se naquela galeria de pintura, a Albufeira com que se deparavam era oposta àquela que viam fora daquela porta. Repare-se que se o fulgor do Neo-realismo irrompe por altura da Guerra Civil Espanhola, nas artes plásticas desperta essencialmente no período do pós-guerra.

Volvidos anos, sabemos que esta Visibilidade da imagem era, esta imediatez da mensagem, para os neo-realistas um elemento caro. Gilles Deleuze, filósofo francês, desmistifica no seu texto *Para além da Imagem-Movimento* (1983), a ideia de que a preocupação social do Neo-Realismo nos poderia levar a pensar que não havia também um cuidado com a forma. No plano estético, diz-nos, o Neo-Realismo inventou a "imagem-facto" em oposição à "imagem-acção" do antigo realismo. Uma das características principais da imagem-facto reside, precisamente, na sua capacidade de propiciar a apreensão de "algo intolerável, insuportável", e para exemplificar este "intolerável", Deleuze, recorre a uma cena do filme *Tempo de Guerra*, de Godard, em que a beleza de uma militante se torna tão insuportável aos seus carrascos, que têm de cobrir o seu rosto com um lenço para a executar.

Ou seja, não se pode olhar a pintura de Bailote como uma mera representação onírica de uma paisagem nocturna; há algo subjacente que lhe é intolerável. De facto, paralelamente à









| 63





Mário Dionísio



---

forma, há conteúdo, como referiu o seu amigo Mário Dionísio na conferência *Conflito e unidade na arte contemporânea*, proferida em 1957 na Sociedade Nacional de Belas Artes, aquando da I Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, na Galeria Municipal de Arte, na qual participou Bailote, como já referi: “não há só conteúdo, como não há só forma. Não há uma cor, uma linha – por mais belas –, sem a carga emocional e ideológica de quem as inventa e utiliza. Não há, por outro lado, uma ideia, um assunto, uma intenção – por mais nobre – que possa ser, em termos de quadro ou de escultura, senão forma. Mas o que o teórico, o doutrinador, o crítico, cada um de nós, sentado à sua secretária, consultando fichas e projectando decretos, não consegue encontrar, encontra-o no trabalho aparentemente desordenado dos artistas, a prática dos homens, sem a qual toda a teoria é caricata estéril.”

Naquela conferência, Dionísio apontou também o caminho para uma mudança de atitude quanto à expressão artística, situação que seria do perfeito conhecimento do pintor de Albufeira, até porque se encontravam de vez em quando em Lisboa para conversas sobre estética.







| 67





68 |

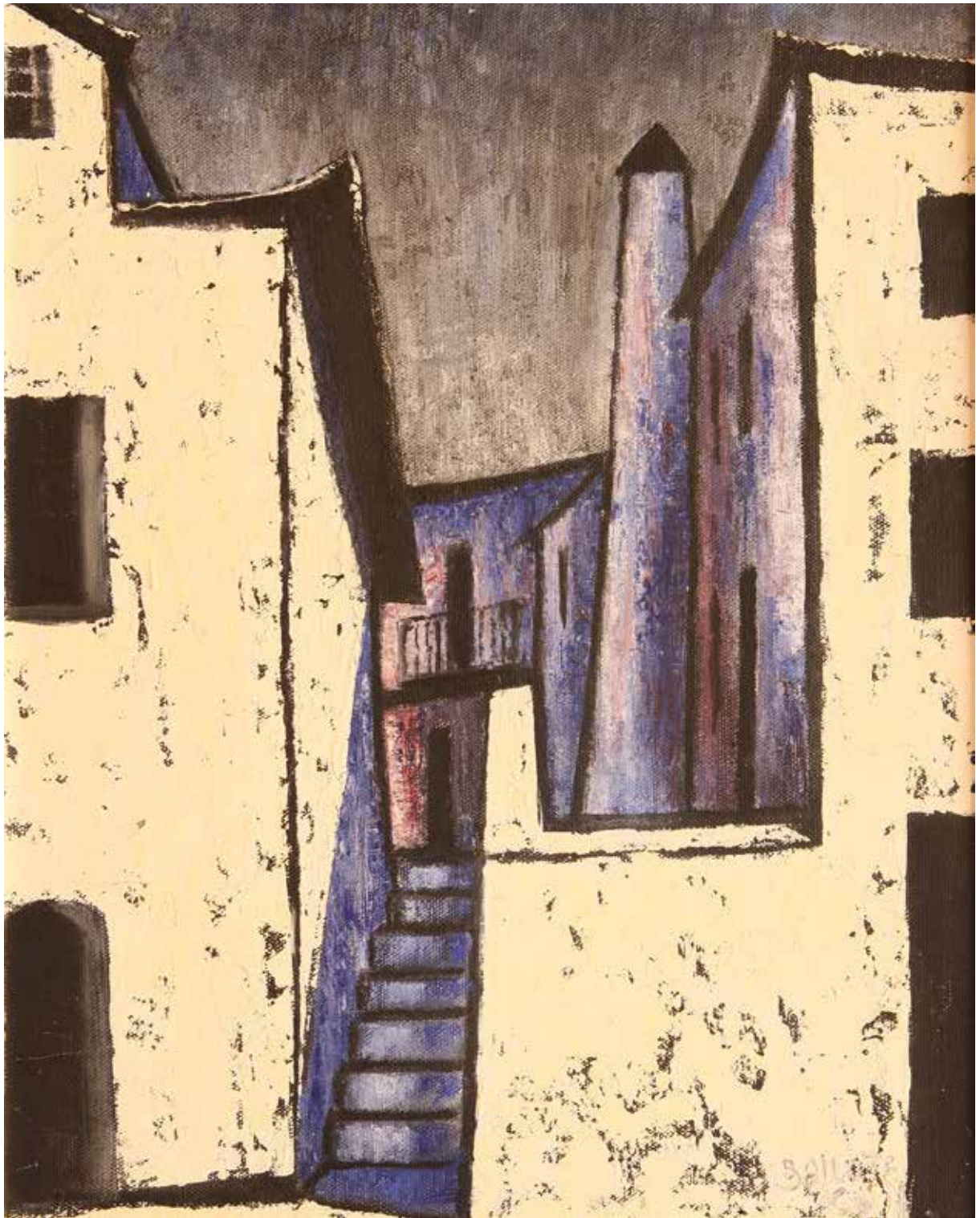
Dionísio defendeu que “olhar as formas e as cores com a intenção de interrogá-las e não de as submeter a um esquema anteriormente organizado prepara-nos surpresas. Alegres surpresas. Leva-nos a descobrir um assomo de unidade que espontaneamente se esboça. Uma unidade de elementos contrários, sem dúvida alguma. Mas, sem dúvida alguma, complementares, mutuamente indispensáveis, que a própria indigência, espontaneamente leva a procurarem-se, a buscarem-se, na ânsia do que dramaticamente lhes falta.”

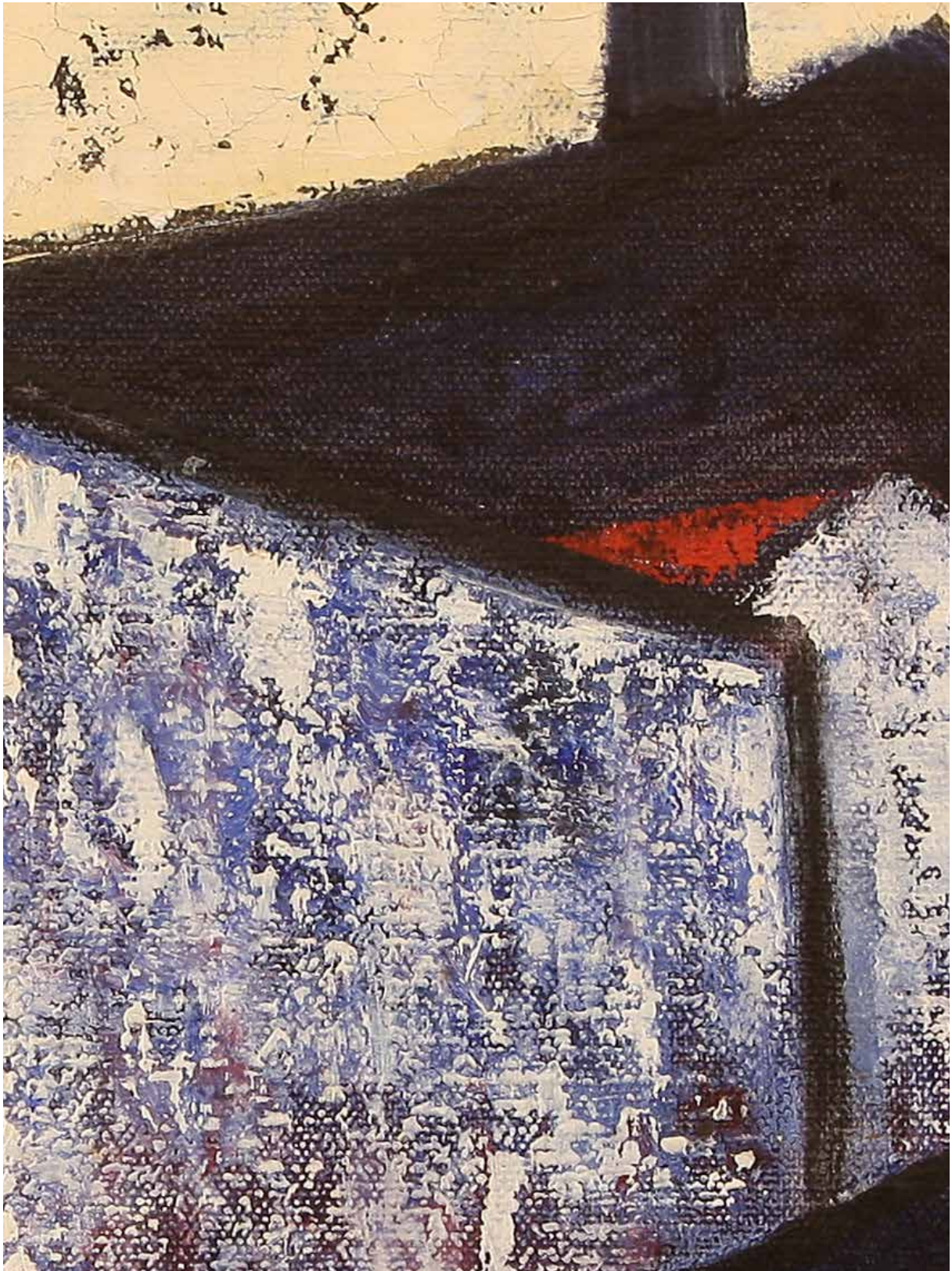
Convém notar, no entanto, que apesar do pintor de Albufeira não ter teorizado acerca da sua obra, há muito que estava a par das novas ideias estéticas, mediante as suas viagens não só a Alemanha como a Itália, onde lida com o movimento da *Corrente*, fortemente preconizada por Renato Guttuso (1912-1987) e com quem se identifica, havendo diversas telas de um e de outro com semelhanças bastante curiosas. Guttuso era já conhecido em Portugal, em parte graças à revista *Átomo*, que nas edições de 30 de Novembro de 1952 (nº59) e de 30 de Julho do ano seguinte (nº 67), publica artigos de Lima de Freitas, os quais contêm diversas considerações do pintor siciliano a propósito dos problemas da arte moderna.

Era, de resto, a par do Neo-realismo e do Surrealismo, que despontava também a tendência para o Abstraccionismo, isto num Portugal fechado sobre si, auto-protégido do flagelo de uma Guerra Mundial e que, por isso, demoraria a despertar para as consciências culturais e políticas que se lhe seguiram, impedindo por isso que a edificação da abstracção, de que dava conta Almada Negreiros, se elevasse sobre influências concretas, tanto das primeiras vanguardas, como das suas contemporâneas, mercê da ausência de contactos com fontes tanto iconográficas como teóricas.

Sobre toda esta amálgama de tendências, Bailote tirou vantagem, não só por dominar línguas, por receber em sua casa estrangeiros que lhe traziam publicações, como também pela sua liberdade financeira e laboral que lhe permitia viajar dois a três meses por ano na chamada época baixa.

Face a isto, bebendo de tudo e de todos, Bailote teve que construir o seu percurso de modo muito particular, assente num todo-íntimo e solitário, uno, rebelando-se contra a incerteza do







| 71



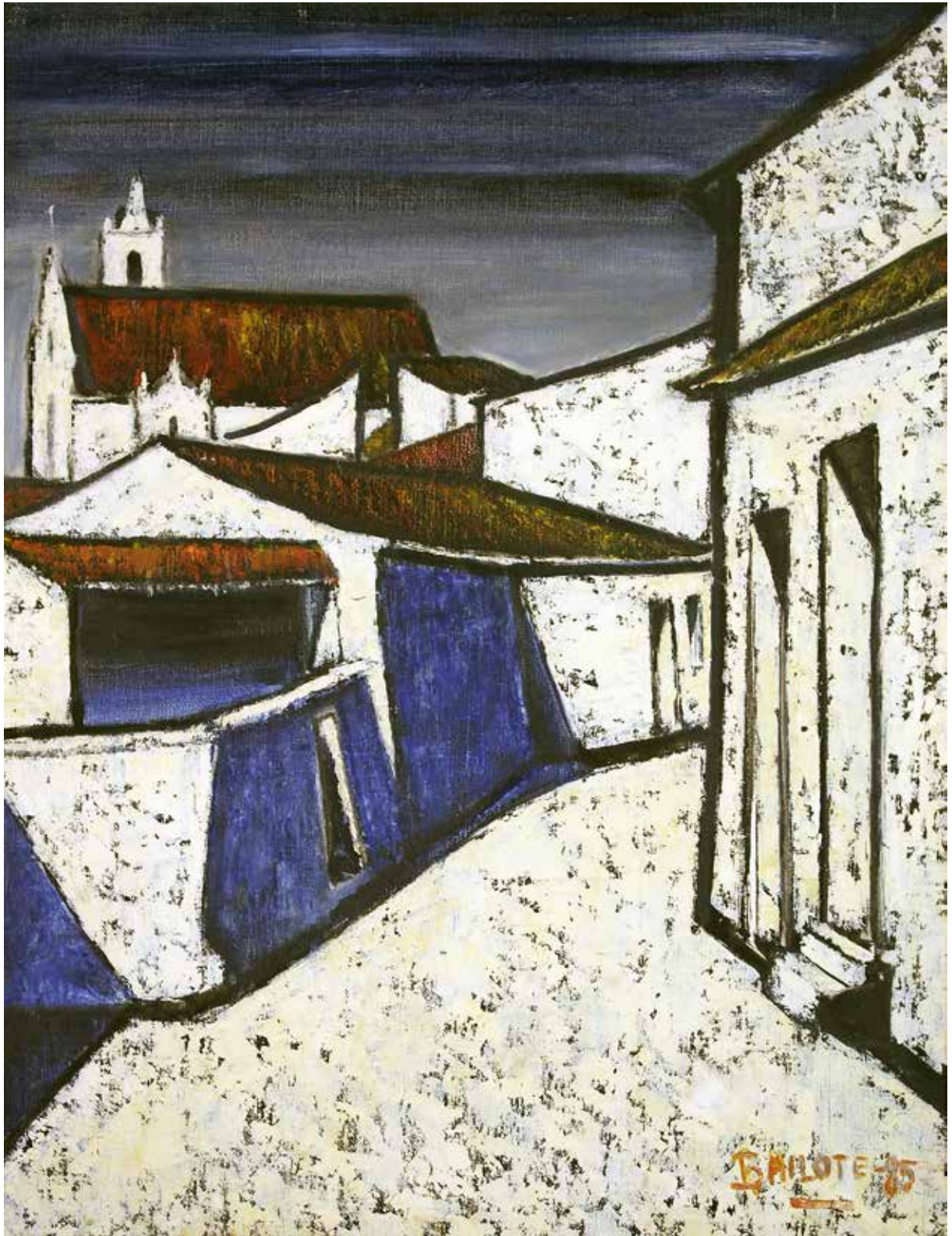
homem. Encontrou o seu caminho quando incorporou, pelo olhar em devaneio pela paisagem, essa própria paisagem, colocando todo esse mundo ruidoso, essa Natureza, tudo dentro de si próprio, tecendo a sua linguagem quase sonho para nela fugir, precisamente, dessa Realidade.

Adoptando, assim como alguns dos seus contemporâneos, uma base tetracromática, elege o Azul, tido então como a cor que nada dizia, a cor da dor tornada muda, como a sua personagem principal, o eu-silêncio, a sua alteridade. Foge dos castanhos, considerados férteis, produtivos, cores de terra, e invade de Branco e Preto a sua obra, como sendo não-cores ou cores limite da intimidade. Como Gutuso e outros da *Corrente*, temos ainda a escolha muito cuidada do Amarelo dentro de algumas portas e janelas. Também este Amarelo tem um valor sígnico fundamental: é uma cor feminina, uma cor do âmbito do vegetal que nos indica encontrar-se nessas entradas de portas ou de olhares o lugar matricial de toda a essência do pintor; são os amarelos-mãe, aos quais Bailote raramente mistura os pigmentos vermelhos, másculos e sanguíneos, já que misturar é fecundar, é criar uma cor nova, adquirindo por isso uma forma negativa, não pura.

721

Assim, Bailote é as ruas, é o mar, é o muro, é as janelas vazadas, as portas abertas, é os barcos, é toda a cidade que observa desde que nasceu. Os lugares que vemos nas telas, se correspondem visualmente ao lugar antropológico, correspondem apenas na medida de um não-lugar externo para o pintor. Bailote é o transeunte sempre em movimento e a história do turismo passa a ser a narrativa da sua vida. Mais do que particularidades de Albufeira nas suas telas, temos um turismo infinito, à semelhança do modernista Bernardo Soares / Fernando Pessoa. Como nota Jean Baudrillard n' *O Paroxista Indiferente*, "não é o nada, o outro do real, o outro do racional, que levanta problemas – é o próprio real", e isso soube Bailote captar como poucos. De resto, aquele título seria justo para esta abordagem crítica: Bailote era um paroxista por natureza; mas não era indiferente: impedia-o essa "dor íntima" de que dizia padecer – e nisto reside o trágico fundamental da sua vida. Ninguém o recorda afinal, seriamente, apenas como o homem alegre que se rodeava de turistas e mulheres bonitas.







www.konrad.com

---

# UM SENHOR EMBAIXADOR

---



O nosso Bailote viveu um dos momentos mais conturbados da História portuguesa. E é bastante significativo o facto de ter-se dedicado à pintura numa fase em que o país vivia sob uma ditadura, sofria os efeitos da Guerra Civil Espanhola, da segunda Grande Guerra e que nada oferecia aos artistas, especialmente no que toca a liberdade para criar, pelo que muitos emigraram.

Bailote foi um dos que ficou por cá, mas com um pé “lá”. Formou-se com livros e com o que a escola da vida ensina, uma vida universal, ampla e geograficamente apetecível. É que a par deste momento político, outras situações decorriam com outros efeitos e que agora assumimos com plena satisfação: o turismo.

| 75

Foi uma época essencialmente de mudança de mentalidades e este papel renovador coube à arte, com ênfase para os Neo-realistas.

Estes foram, de resto, os grandes apreciadores da obra de João Bailote, assim como um vastíssimo grupo de estrangeiros entendidos na matéria.

Não duvidamos que o melhor e mais significativo trabalho de Bailote se encontra pelo mundo fora, o mesmo é dizer que em qualquer parte do planeta poderemos encontrar as nossas ruas numa parede inesperada.

Pela arte, Bailote foi, até à data o maior embaixador de Albufeira. Vendeu centenas de quadros, foi verdadeiramente amado por quem vê na arte a única justificação honrada e válida para a vida. Apesar de uma faceta solar, afecta ao convívio, à festa e à



76 |

aventura, tinha também um lado saturnino, fechado e que não partilhava com ninguém. Com este livro aproximamo-nos desse universo mental, teórico, reflectido do nosso pintor e que ele não mostrava a ninguém. Um homem com duas faces: da solar, ainda muitos se lembram; da outra, começamos agora a espreitar. Entrar neste universo que, afinal, como expressa este livro, não é apenas do âmbito metafísico-idealista, mas que põe em evidência um problema real e colectivo: o da ameaça da desertificação da identidade cultural de uma vila.

A Bailote devemos mais do que uma memória convival. Temos para com este ser em ser (como então defendia António Sérgio) uma dádiva enorme: a de ter sido o grande intermediário entre várias culturas, a sua, que levou para outras paragens, e as outras, que trouxe até nós.

E tudo isto, faz de nós uns privilegiados.

*Marlene Silva*

**Vereadora da Cultura do Município de Albufeira**



| 77

---

## AGRADECIMENTOS

---

À Câmara Municipal, pela confiança, pela oportunidade, pelo afecto, nas pessoas de Carlos Silva e Sousa, Marlene Silva, Carla Ponte, Cristiano Cabrita, Rui Gregório e Célia Amado.

A Lisete Bailote e a José Paulo, duas pessoas extraordinariamente bonitas: fiquei tão enriquecida por vos conhecer. A minha infinita gratidão pela cedência da maioria das imagens aqui publicadas e pelos artigos de recepção sobre o pintor.

A Cruzeiro Seixas, por ser uma lição de ética e estética: de vida.

A Santos Serra, pela brilhante memória e saber notável e por toda a amizade que nos une.

A Paula Elvas por acolher o meu desassossego em matéria de Belas Artes. E outras.

A Carla Chu, querida amiga, pelas fotografias de Cruzeiro Seixas tiradas no seu apartamento em V. N. Famalicão.

E à mãe, cuja partida impulsiona ainda a negação do Devir.

---

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

---

### Fontes e Periódicos

Revista *Átomo*, nº 59 e nº 67

*Diário de Notícias*, 25 de Abril de 1988

78 | *Albufeira Magazine*, 9 de Maio de 1997

*Jornal Algarvio*, 1988

*Gazeta do Cenjor*, 1988

*Algarve News*, nº 35, 1995

Catálogos da Exposições de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, 1957 e 1961

### Outros

Entrevista a Cruzeiro Seixas, V. N. Famalicão, Setembro de 2014

Entrevista a Lisete Bailote, Albufeira, Setembro de 2016

### Bibliografia

BAUDRILLARD, Jean (1998). *O Paroxista Indiferente*. Lisboa: Edições 70.

DELEUZE, Gilles (2006). *A Imagem-Tempo*. Lisboa: Assírio & Alvim.

DIONISIO, Mário (1958). *Conflito e Unidade da Arte Contemporânea* Lisboa: Iniciativas Editoriais.

DUBUFFET, Jean, *et al.* (1964). *Art Brut 1*, vol. 23, t. 1, Paris.

FONSECA, Manuel (1986). *Crónicas algarvias*. Lisboa: Ed. Caminho.

HUYCHE, René (1961). *A Arte e o Homem*. Paris: Librairie Larousse.

MONTEIRO, Luísa, *et al.* (2016). *Albufeira Revisitada*. Albufeira: Edição Câmara Municipal.

SANTOS, Luísa Duarte (2009). "Alvor de um poeta de generosidade militante". In *Escrevivendo Urbano – Exposição biobibliográfica*. Coord. SANTOS, David. Edição da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e Museu do Neo-realismo.

RODRIGUES, Urbano Tavares (1968). *O Tempo de Cinzas*. Lisboa: Ed. Ulisseia.

TANNOCK, Michael (1978). *Portuguese 20th Century Artists: A Biographical Dictionary*. Chichester: Phillimore.

## PINTURAS - CRONOLOGIA

As telas que ilustram este livro/catálogo são pertença da família (sinal verde), da Câmara Municipal (sinal cinzento) e as restantes de coleções particulares.

Relembramo-las aqui por ordem cronológica, tratando-se essencialmente de óleos sobre tela.



1957 ●



1959 ●



1960 ●



1960



1960



1963



1963 ●



1963 ●



1965



1966 ●



1966 ●



1966 ●



1967 ●



1968 ●



1968



1969 ●



1973



1974 ●



1976 ●



1977



1979 ●



1979 ●



1979



1979



1981 ●



1982 ●



1983 ●



1983 ●



1983



1984 ●



1984 ●



1985 ●



1985 ●



1985 ●



s/d ●

# B A I L O T E

Livro composto  
a caracteres Helvetica Light e a Code Bold nos títulos  
sobre papel couche mate 130 gramas  
com capa em CLA 315 gramas